

MÁRIO CORREIA E PAULA OLIVEIRA E SILVA

AGOSTINHO DE HIPONA

COMENTÁRIO LITERAL AO LIVRO DO GENESIS
(EM DOZE LIVROS)*

Livro XII**

1. Ao longo de onze livros expusemos e colocámos por escrito o livro da Sagrada Escritura que se chama ‘Génesis’, desde o princípio até à expulsão do primeiro homem do paraíso, quer afirmando e defendendo aquilo que para nós é certo, quer investigando, exprimindo as nossas opiniões e discutindo o que é incerto. Expusemos o que pudemos e como pudemos, não tanto para indicar a cada um o que deve pensar sobre realidades obscuras, quanto para mostrar a necessidade de nós próprios nos instruímos acerca daquilo de que duvidámos, e para amover o leitor de afirmações temerárias, onde nós não fomos capazes de alcançar um conhecimento seguro. Neste décimo segundo livro, pelo contrário, já livres da preocupação de explicar detalhadamente o texto das sagradas Escrituras, trataremos de modo mais livre e com maior amplitude a questão do paraíso, para que não se pensasse que quisemos evitar a dificuldade do texto em que o Apóstolo parece introduzir o paraíso no terceiro céu, quando diz: *Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu – se no corpo se fora do corpo, não sei, Deus o sabe. E sei que esse homem - se no corpo, se fora do corpo, não sei, Deus o sabe - foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis que o homem não pode pronunciar (2 Cor, 12, 1-4).*

* Tradução do original latino reproduzido em *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum XXVIII* (Pars 1), ed. Joseph Zycha, Vindobonae, F. Tempsky, 1894, pp.379-345). A edição publicada na *Patrologia Latina* (PL 34, 245-486: ed. J.-p. MIGNE) está disponível no seguinte endereço: <http://augustinus.it/latino/genesi_lettera/index2.htm>. [Acesso: 2013.04.20]. Retiraram-se os subtítulos introduzidos pelo editor da *Patrologia* e seguiu-se a numeração da edição latina indicada.

** No Vol, I, 1 (2012), pp.151-169 da Revista *Civitas Augustiniana* publicou-se uma versão parcial deste capítulo XII, que apenas incluía o Livro XII, capítulos 1 a 12. Neste número reedita-se essa primeira parte, revista por ambos os tradutores, e publica-se a tradução do restante texto, inédito em português.

A propósito destas palavras costuma investigar-se em primeiro lugar o que o Apóstolo quer dizer com ‘terceiro céu’. Em seguida, se quis dar a entender que o paraíso é aí, ou se, depois de ter sido arrebatado ao terceiro céu, foi também arrebatado ao paraíso, onde quer que o paraíso se encontre. Neste caso, não seria o mesmo ter sido arrebatado ao terceiro céu e ao paraíso, mas primeiro teria sido arrebatado ao terceiro céu e depois daí ao paraíso. E isto é de tal modo obscuro, que não me parece que se possa resolver a não ser que alguém, não a partir destas palavras do Apóstolo, mas talvez de outros lugares das Escrituras, ou com uma razão clarividente, encontre um argumento por meio do qual mostre ou que o paraíso está situado no terceiro céu, ou que não está. Aliás, não é evidente o que seja o próprio terceiro céu, se se deve entender que se encontra entre as realidades corporais ou entre as espirituais. Poder-se-ia dizer certamente que, com o seu corpo, um homem não teria podido ser arrebatado a não ser a um lugar corporal. Mas como o próprio Apóstolo também precisou este aspeto, e disse não saber se tinha sido arrebatado no corpo ou fora do corpo, quem ousará dizer que sabe o que o Apóstolo disse não saber? Porém, se nem o espírito pode ser arrebatado sem o corpo a lugares corporais, nem o corpo a lugares espirituais, a própria dúvida dele como que obriga a entender – já que ninguém duvida que escreve estas coisas falando de si próprio – que o lugar onde foi arrebatado era tal que não se poderia saber ou distinguir se era corporal ou espiritual.

2. De facto, quando, no sonho ou no êxtase, são representadas as imagens dos corpos, elas em nada se distinguem dos corpos, a não ser quando o homem, regressando aos sentidos do corpo, reconhece ter estado entre aquelas imagens, que não via por meio dos sentidos do corpo. Contudo, ao despertar do sono, quem de facto não se apercebe imediatamente que as realidades que via eram imaginárias, apesar de, quando as via ao dormir, não ser capaz de as distinguir das visões corporais próprias do estado de vigília? Contudo, sei que me aconteceu – e, por isso, também não duvido que o mesmo possa ter acontecido ou vir a acontecer a outros – que, ao ver em sonhos, percebia que estava a ver em sonhos. E percebia que essas imagens, que habitualmente nos enganam dando-nos uma falsa impressão de realidade, não eram verdadeiros corpos. Mesmo a dormir, estava certo e percebia que tais imagens se me apresentavam em sonhos. Mas uma vez enganei-me, pois ao ver um amigo igualmente em sonhos, esforçava-me por convencê-lo de que o que víamos não eram corpos, mas imagens próprias dos que sonham, apesar de ele próprio me aparecer em sonho entre aquelas imagens. E dizia-lhe

também que então não era verdade que estivéssemos a conversar os dois, e que também aquilo que ele estava a ver, era em sonho que o via, e desconhecia completamente se eu também via essas realidades. E, no entanto, no exato momento em que me esforçava por o persuadir de que ele próprio não estava lá, era por outro lado levado a pensar que ele estava ali, dado que eu não estaria de todo a falar com ele se estivesse totalmente persuadido de que ele não estava ali. Por conseguinte, embora surpreendentemente vigilante enquanto dormia, a minha alma não poderia deixar-se levar pelas imagens dos corpos a não ser que os considerasse como corpos realmente existentes.

Ora, a propósito do êxtase, pude escutar a experiência de um homem - era um homem do campo, que quase não era capaz de exprimir o que experimentava. Por um lado, ele percebia que estava acordado e que via algo, mas por outro, percebia que o via sem ser com os olhos do corpo. Na verdade, para usar as suas próprias palavras, tanto quanto as posso recordar, dizia ele: “Era a minha alma que via, e não os meus olhos. Contudo, eu não sabia se era um corpo ou a imagem de um corpo”. De facto, ele não era capaz de distinguir de que se tratava, mas o seu relato era tão simplesmente fiel e verdadeiro que eu o ouvia como se eu próprio estivesse a ver aquilo que ele tinha visto. Por conseguinte, se Paulo viu o paraíso como a Pedro apareceu aquela espécie de toalha que descia do céu, a João todas as visões que escreveu no *Apocalipse*, a Ezequiel aquele campo de ossos de mortos e a ressurreição deles, ou a Isaías, Deus sentado e os Serafins diante dele e o altar de onde foi tirado o carvão que purificou os lábios do profeta: então é evidente que pôde desconhecer se veria essas realidades no corpo ou fora do corpo.

3. Mas se essas realidades foram vistas por Paulo fora do corpo e não eram corpos, ainda se pode perguntar se eram imagens de corpos ou se eram antes alguma substância que não tem qualquer semelhança com os corpos, como Deus, como a própria mente ou a inteligência do homem, ou a sua razão; ou como a virtudes, por exemplo, a prudência, a justiça, a castidade, a caridade, a piedade e as outras realidades deste género que enumeramos, distinguimos e definimos com o entendimento e com o pensamento, e não certamente experimentando as suas cores e figuras, ou o seu som, ou qual o seu odor e sabor, ou que sensações produzem de calor ou frio, brandura ou dureza, suavidade ou aspereza; mas percebemo-las por meio de uma outra visão, de uma outra luz, de outra evidência muito mais excelente e certa do que qualquer outra.

Regressemos, portanto, às palavras do Apóstolo e examinemo-las com mais atenção, estabelecendo primeiramente, e sem lugar a dúvida, que, sobre a natureza corpórea e incorpórea, o Apóstolo tinha um conhecimento muito maior e mais profundo do que aquele que nós possamos alcançar, por mais esforços que façamos. Portanto, se ele sabia que as realidades espirituais não podem de maneira nenhuma ser conhecidas por meio do corpo, nem as corporais fora do corpo, por que razão não determinou, a partir dessas mesmas realidades que viu, o modo como as pôde ver? De facto, se ele estava certo de que eram realidades espirituais, por que razão não estava igualmente certo de as ter visto fora do corpo? Pelo contrário, se sabia que eram corporais, por que razão não sabia também que só as poderia ver por meio do corpo? De onde deriva, então, a sua dúvida sobre se via essas realidades no corpo ou fora do corpo, a não ser talvez por também duvidar que elas eram corpos ou semelhanças de corpos? Por conseguinte, tendo em conta o contexto das palavras, vejamos primeiro as realidades de que ele não duvida. Assim, quando restar só aquilo de que ele duvida, talvez a partir das suas certezas também se manifeste o motivo da sua dúvida.

Diz ele: *Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu – se no corpo se fora do corpo, não sei, Deus o sabe.* (2 Cor, 12, 2). Logo ele sabe, e não duvida de modo algum, que há catorze anos um homem em Cristo foi arrebatado ao terceiro céu. Nós também não devemos duvidar. Mas duvida se foi no corpo ou fora do corpo. Em relação ao que ele duvida, qual de nós se atreverá a estar certo? Porventura duvidaremos da existência do terceiro céu, ao qual ele diz que este homem foi arrebatado? Se de facto essa realidade lhe foi manifestada, fica provada a existência do terceiro céu. Mas se era apenas uma imagem semelhante às coisas corporais, isso não era o terceiro céu, mas uma representação de tal modo ordenada que lhe parecesse que, em primeiro lugar, teria subido ao primeiro céu, acima do qual veria um outro, ao qual novamente tivesse subido e, de novo, veria outro mais acima. E uma vez lá chegado, poderia dizer que fora arrebatado ao terceiro céu. Mas, de que aquilo onde fora arrebatado era o terceiro céu, não duvidou, nem quis que nós duvidemos. Por isso, ele disse: *conheço* – e partiu daí. De modo que o que o Apóstolo diz saber, só não acreditará ser verdadeiro aquele que não acreditar no Apóstolo.

4. Sabe, portanto, que o homem foi arrebatado ao terceiro céu. Portanto, aquele lugar ao qual foi arrebatado é verdadeiramente o terceiro céu. Não era um sinal corporal, como o que foi mostrado a Moisés, que a

tal ponto percebia que uma coisa era a substância de Deus e outra, muito diferente, a criatura visível na qual Deus se apresentava aos seus sentidos corpóreos, que dizia: *Mostra-te tu próprio a mim*. Nem era uma imagem corpórea, como a que viu João em espírito, e a respeito da qual, interrogando que coisa seria aquela, lhe foi respondido: “*é uma cidade*” ou “*são povos*”, ou tal ou qual coisa, uma vez que ele via um animal, ou uma mulher, ou águas, ou alguma outra coisa do género. Mas, diz Paulo, *sei que um homem foi arrebatado ao terceiro céu*.

Se com o nome ‘céu’ ele tivesse querido designar uma imagem espiritual semelhante ao céu corporal, então era também uma imagem do seu corpo aquela na qual subiu e foi arrebatado. E, portanto, falaria também do seu corpo, como falaria deste céu, embora se tratasse de uma imagem do céu. E não se daria ao cuidado de distinguir o que sabia e o que não sabia, quando disse que sabia que um homem tinha sido arrebatado ao terceiro céu, mas não sabia se no corpo ou fora dele. Mas descreveria simplesmente a visão, designando as realidades que viu com os nomes das coisas de que seriam semelhanças. De facto, quando descrevemos os nossos sonhos ou alguma visão tida em sonho, também dizemos: “vi uma montanha”, “vi um rio”, “vi três homens”, e outras coisas do género, dando a estas imagens o mesmo nome das coisas a que são semelhantes. Pelo contrário, o Apóstolo diz: isto “sei” e aquilo “não sei”.

Mas se uma e outra lhe aparecem em imagens, uma e outra são conhecidas do mesmo modo, e desconhecidas do mesmo modo. Porém, se foi propriamente o céu que viu – e se por isso mesmo, sabe que o viu – como é que o corpo deste homem lhe pôde aparecer em imagem?

Mas se o que ele via era um céu corpóreo, por que razão se lhe ocultava se o veria com os olhos do corpo? Pelo contrário, se não estava certo se veria o céu com os olhos do corpo ou com o espírito, e por esse motivo disse ‘*se no corpo se fora do corpo, não sei*’, de que modo é que não estaria também na dúvida sobre se veria verdadeiramente o céu corpóreo, ou se ele se mostrava em imagens? De igual modo, se via uma substância incorpórea, não em alguma imagem de corpo, mas tal como se vê a justiça, a sabedoria e outras coisas do género, e se isto era o céu - e também é evidente que tais coisas não se podem ver com os olhos deste corpo; portanto, se soubesse que tinha visto alguma coisa assim, não poderia duvidar que não o tivesse visto por meio do corpo. *Sei – diz ele – de um homem em Cristo que há catorze anos; isto eu sei, e não duvide quem acredita em mim; mas se foi no corpo se fora do corpo, não sei, Deus o sabe*.

5. Então, distingue o que sabes daquilo que não sabes, para que não se enganem os que em ti creem. *Sei*, diz ele, *que aquele homem foi arrebatado ao terceiro céu*. Mas esse céu ou era corpo, ou espírito. Se era corpo, então foi visto com os olhos do corpo. Por que razão ele sabe que é céu e não sabe se foi visto no corpo? Mas se era espírito, então ou lhe foi apresentada a imagem de um corpo (e então é tão incerto que fosse corpo, como é incerto que o tivesse visto em corpo) ou foi visto como a mente vê a sabedoria, sem nenhuma imagem corpórea (e neste caso não é menos certo que não poderia ter sido visto por meio do corpo). Portanto, ou ambas as coisas são certas, ou ambas são incertas. Ou então, como é possível que seja certo o que se viu e incerto aquilo pelo qual se viu? É evidente que ele não poderia ver uma natureza incorpórea por meio do corpo. Mesmo se os corpos não pudessem ser vistos sem o corpo, eles certamente não serão vistos desta maneira por meio do corpo. Portanto, tal modo de visão, se existe, é totalmente distinto. Por isso seria de admirar que, pela semelhança com outros modos de ver, essa forma de visão pudesse enganar o Apóstolo, ou levá-lo a duvidar ao ponto de – se viu o céu corpóreo mas não com olhos corporais – poder dizer não estar certo de o ter visto no corpo ou fora do corpo.

Posto que o Apóstolo, que pôs tanto cuidado em distinguir o que sabia do que não sabia, não pode mentir, resta-nos talvez entender que aquilo que ele diz não saber é precisamente isto: se, quando foi arrebatado ao terceiro céu, ele estava no corpo, tal como a alma está no corpo, quando se diz que o corpo vive (quer esteja desperto, ou a dormir, ou em êxtase e privado dos sentidos do corpo); ou se saíra completamente para fora do corpo, ao ponto de o corpo jazer morto até que, uma vez terminada aquela visão, a alma voltasse a entrar nos seus membros inertes, não como se o que dorme despertasse, ou como (tendo-se afastado deles pelo êxtase) recuperasse de novo os sentidos, mas como se ressuscitasse o que estava realmente morto. Portanto, o que viu tendo sido arrebatado ao terceiro céu, e o que também confirma que sabe, viu-o realmente e não de modo imaginário. Mas se a própria separação do corpo teria deixado o corpo completamente morto, ou se o deixara a modo de um corpo vivo onde estivesse a alma mas tendo a sua mente sido arrebatada para ver e ouvir as realidades inefáveis daquela visão, é disso que não está certo. E talvez por isso disse: *se no corpo ou fora dele, não sei, Deus o sabe*.

6. O que é visto não de modo imaginário, mas propriamente, e não é visto mediante os sentidos do corpo, certamente que é visto com uma

visão que ultrapassa qualquer outra visão. Procurarei explicar estes gêneros de visões e a diferença que há entre elas, quanto possa com a ajuda de Deus. Quando, num só preceito, se lê: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*, encontram-se três gêneros de visões. Uma, por meio dos olhos, pelos quais as próprias letras são vistas; outra, por meio do espírito humano, pelo qual o próximo, mesmo ausente, é pensado; a terceira, por meio do olhar atento da mente, pelo qual o próprio amor entendido é contemplado. Destes três gêneros de visão, o primeiro é conhecido de todos: nele se vê o céu e a terra, e tudo o que os nossos olhos neles avistam. Aquele pelo qual se pensam as realidades corporais ausentes, também não é difícil de perceber: certamente o próprio céu e a terra, com todas as coisas que neles podemos ver, podemos pensá-los mesmo na obscuridade. Embora nada vendo com os olhos do corpo, contudo vemos com a alma as imagens corporais, quer as verdadeiras, como as dos próprios corpos que vimos e que retemos na memória, quer as fictícias, como as que o pensamento pode formar. De facto, pensamos de um modo diferente em Cartago, que conhecemos, e em Alexandria, que não conhecemos. O terceiro gênero de visão, com o qual é contemplado o amor que entendemos, compreende aquelas realidades que não têm imagens semelhantes a elas, as quais não são o que elas são. De facto, o homem, a árvore, ou o sol, e quaisquer outros corpos, celestes ou terrestres, se estão presente, são vistos nas suas formas, e, se estão ausentes, são pensados nas imagens impressas na alma. E produzem dois gêneros de visão: uma, por meio dos sentidos do corpo, outra por meio do espírito no qual essas imagens estão contidas. Mas porventura se vê o amor de um modo quando está presente na forma pela qual existe, e de outro modo quando está ausente em alguma imagem que lhe seja semelhante? Certamente que não. Mas, tanto quanto pode ser visto pela mente, ele é visto em si próprio, por uns mais, por outros menos. Inversamente, se for pensado por meio de alguma imagem corporal, o que se vê não é o próprio amor.

7. São estes os três gêneros de visões dos quais dissemos algo nos livros precedentes, conforme o assunto o exigia, embora não tivéssemos indicado o número delas. Agora, depois de os termos explicado brevemente, para o expormos de modo um pouco mais amplo – uma vez que a questão o exige –, devemos atribuir-lhes nomes exatos e convenientes, para não nos demorarmos em contínuos circunlóquios. Portanto, chamaremos “visão corporal” ao primeiro, porque se percebe pelo corpo e se manifesta aos sentidos corporais. Ao segundo,

chamaremos “visão espiritual”, pois tudo o que não é corpo e, contudo, é alguma coisa, chama-se corretamente espírito. E certamente a imagem de um corpo ausente não é corpo, embora seja semelhante ao corpo, e também não o é esse mesmo olhar pelo qual é vista. O terceiro chama-se “intelectual”, que vem de “intelecto”. Porque chamar-lhe mental, que vem de ‘*mente*’, parece-me demasiado absurdo, pela própria novidade do termo.

Se desse uma explicação mais subtil destes termos, o discurso seria mais extenso e intrincado, não havendo necessidade ou ao menos necessidade perentória que o exija. Portanto, é suficiente saber que algo se diz “corporal” ou em sentido próprio, quando se refere aos corpos, ou em sentido metafórico, como quando se diz: *Nele habita toda a plenitude da divindade corporalmente (Col 2, 9, 17)*. De facto, a divindade não é corpo, mas dado que Paulo chama aos mistérios do Antigo Testamento *sombras do que há-de vir*, por causa da comparação com essas sombras diz que a plenitude da divindade habita corporalmente em Cristo, porque nele se realiza tudo o que estava prefigurado naquelas sombras. E assim é ele próprio o corpo daquelas sombras, isto é, ele próprio é a verdade dessas figuras e do significado delas. Portanto, tal como essas mesmas figuras se chamam sombras não em sentido próprio, mas em sentido figurado, assim também, quando Paulo diz que a plenitude da divindade habita corporalmente em Cristo, emprega o sentido figurado.

O termo ‘espiritual’ diz-se de muitos modos. De facto, o Apóstolo designa por espiritual o próprio corpo dos santos na ressurreição, quando diz: *Semeados corpo animal, ressuscitarão corpo espiritual (Gal 5, 17)*. E isso porque esse corpo estará submetido ao espírito de modo admirável, para sua completa incorruptibilidade e ligeireza e, sem qualquer necessidade dos alimentos corporais, será vivificado unicamente pelo espírito, mas não porque venha a possuir uma substância incorpórea. E também este corpo que agora temos não possui a substância da alma e não é o mesmo que a alma, apesar de se chamar “animal”. E igualmente se chama “espírito” ao ar que respiramos, ou ao seu sopro, isto é, ao seu movimento, como se diz no Salmo: *Fogo, granizo, neve, gelo e espírito da tempestade (Sl 138, 8)*. E também se chama espírito quer à alma dos animais irracionais, quer do homem, como está escrito: *Quem sabe se o espírito dos filhos do homem se eleva, e o espírito dos animais irracionais desce à profundidade da terra? (Ecl. 3, 21)* E também se chama espírito à própria mente racional, onde está como que o olho da alma, à qual pertence a imagem e o conhecimento de Deus. Por isso, diz o Apóstolo: *Renovai-vos no espírito da vossa mente e revesti-vos do homem novo, que*

foi criado em conformidade com Deus (Ef. 4, 23-24); e noutro lugar, acerca do homem interior, diz que se renova no conhecimento de Deus, conforme a imagem daquele que o criou (Col. 3, 10). Tendo dito igualmente: Eu próprio sirvo a lei de Deus com a mente e sirvo a lei do pecado com a carne (Rom. 7, 25), e recorda a mesma afirmação noutro lugar, ao dizer: A carne deseja contra o espírito, e o espírito deseja contra a carne, para que não façais o que quereis (Gal. 5, 17), e ao que chamou também designou por espírito. Também Deus é chamado espírito, como afirma o Senhor no Evangelho: Deus é espírito e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade (Jo. 4, 24).

8. Esta palavra pela qual designamos “espiritual” este género de visão, não a derivámos de nenhum dos modos de designar o espírito que enunciámos, mas fizemo-lo a partir daquele modo particular que encontramos na *Epístola aos Coríntios*, no qual o espírito se distingue da mente com absoluta evidência: *Se eu orar em línguas, o meu espírito ora, mas a minha mente não retira fruto*. Portanto, com o termo ‘língua’ entende-se neste lugar que se fala por meio de significados obscuros e místicos, os quais, suprimindo o entendimento da mente, a ninguém edificam, pois escutar-se-ão sem se entenderem. Por isso, diz também o Apóstolo: *quem fala em línguas não fala aos homens, mas a Deus; de facto, ninguém o escuta, mas o espírito profere mistérios (I Cor. 14. 2)*. Portanto, fica bastante claro que neste lugar chama “línguas” onde existem significados que são como imagens e semelhanças das coisas que, para serem entendidos, carecem do olhar penetrante da mente. Porém, quando não se entendem diz que estes sinais estão no espírito, e não na mente. Daí que tenha dito, mais claramente: *Se louvares em espírito, de que modo responderá “Ámen” à tua ação de graças aquele que ocupa um lugar entre o povo simples, uma vez que não entende o que dizes (I Cor. 14, 16)?* Portanto, porque também a língua, isto é, o membro do corpo que movemos na boca quando falamos, profere certamente sinais das coisas, mas não torna presentes as próprias coisas, o Apóstolo, usando uma metáfora, designou com o termo “língua” qualquer emissão de sinais, antes de serem entendidos. Mas quando o intelecto alcançar o seu sentido, o que é próprio da mente, dá-se a revelação, ou o conhecimento, ou a profecia, ou a instrução. Por isso, disse: *Se eu for ter convosco falando línguas, de que vos aproveitaria, se não vos falasse por revelação, nem ciência, nem profecia, nem doutrina (I Cor. 14, 6)?* – isto é, com sinais. Isto ocorre quando, às línguas, se acrescenta o entendimento, para que o

que seja percebido não o seja apenas com o espírito, mas também com a mente.

9. Portanto, aqueles a quem os sinais se apresentassem no espírito por meio de alguma semelhança das realidades corporais, ainda não possuiriam a profecia, a não ser que a mente cumprisse a sua tarefa e os sinais fossem também entendidos. Pois seria maior profeta aquele que interpretava o que outro tivesse visto, do que o próprio que os vira. Onde se torna evidente que a profecia pertence mais à mente do que a este espírito que, no sentido próprio em que é designado, é uma potência da alma, inferior à mente, na qual se formam as semelhanças das coisas corporais. E assim foi maior profeta José, que entendeu o que significavam aquelas sete espigas e os sete bois, do que o Faraó, que as viu em sonhos. Pois o espírito deste recebeu as formas para ver e a mente daquele foi iluminada para entender. Por conseguinte, naquele estava a linguagem, e neste a profecia; porque naquele estava a produção das imagens das coisas, neste, a interpretação das imagens. Portanto, é menos profeta *o que só vê em espírito, por meio de imagens das coisas corporais*, os sinais das coisas dotadas de significado. E é mais profeta o que está dotado apenas *do entendimento delas*. Mas o maior profeta é aquele que possui as duas qualidades, isto é, o que vê no espírito as semelhanças das coisas corpóreas dotadas de significado, e entende o seu significado com a acuidade da mente, tal como foi posta à prova e experimentada a excelência do dom profético de Daniel que por um lado revelou ao rei o sonho que este tinha visto e, por outro, lhe mostrou o que ele significava. Por um lado, as próprias imagens corporais estavam certamente presentes no seu espírito e, por outro, o entendimento delas foi revelado à sua mente. Portanto, é a partir desta distinção que se designa o espírito, conforme diz o Apóstolo: *Hei-de orar em espírito, mas hei-de orar também em mente (I Cor. 14, 15)*, para indicar por um lado, que os sinais das coisas se formam no espírito e por outro, que o entendimento delas se descobre na mente. De acordo com esta distinção, dizia eu, designaremos agora por “espiritual” o género de visões pelo qual pensamos na alma as imagens dos corpos, mesmo dos ausentes.

10. A visão intelectual que é própria da mente é a mais excelente. Nem me ocorre ao pensamento que o termo “intelecto” se possa dizer de vários modos, como vimos que o espírito tem muitos modos de ser designado. Pois quer o designemos por intelectual, quer por inteligível, o significado é o mesmo. Embora alguns tenham querido encontrar alguma diferença entre intelectual e inteligível, dizendo que “inteligível” é a

própria realidade que só pode ser percebida pelo entendimento, e que intelectual é a mente, que entende. Mas se existe uma realidade que só possa ser vista com o intelecto sem ela própria ser intelecto, isso é uma magna e difícil questão. Mas julgo que não haverá ninguém que pense ou diga que existe uma realidade que conhece com o intelecto e que ela própria não possa ser conhecida também com o intelecto. Certamente que a mente não se vê a não ser com a mente. Portanto, porque pode ser vista, é inteligível. E porque vê, é intelectual, de acordo com a distinção feita. Por conseguinte, deixando de lado aquela difícilíssima questão – se existe algo que possa apenas ser entendido e que não entenda – agora designamos os termos “intelectual” e “inteligível” com o mesmo significado.

11. Para que a razão se eleve das realidades inferiores às superiores, estes três géneros de visão – corporal, espiritual e intelectual – devem ser considerados separadamente. Já apresentámos anteriormente um exemplo de como numa única afirmação se verificavam os três géneros de visão. De facto, quando se lê: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mt 22, 39)*, vêem-se corporalmente as letras, pensa-se espiritualmente no próximo e contempla-se intelectualmente o amor. Mas, por um lado, na ausência das letras, elas podem ser pensadas espiritualmente, e por outro, na presença do próximo, ele pode ser visto com os olhos do corpo. Inversamente, o amor não pode ser captado na sua substância pelos olhos do corpo, nem pode ser pensado em espírito por uma imagem que seja a semelhança de um corpo, mas só pode ser percebido e conhecido com a mente, isto é, com o intelecto. A visão corporal não preside certamente a nenhum dos outros géneros de visão, mas o que se experimenta por meio dela apresenta-se à visão espiritual, como se esta presidisse. Com efeito, quando algo é captado com os olhos, a sua imagem produz-se imediatamente no espírito. Mas não se reconhece que ela se produziu a não ser quando, tendo afastado os olhos daquilo que víamos por meio dos olhos, encontrarmos a sua imagem no espírito. E se for um espírito irracional, por exemplo, uma ovelha, até aqui também os olhos lho anunciam. Mas se a alma é racional, eles também anunciam ao intelecto, que preside ao espírito – de modo que, se aquilo que os olhos captaram e anunciaram ao espírito para que, a partir deles, produzisse uma imagem, for sinal de alguma coisa, o intelecto ou entenda imediatamente o que significa, ou o indague. Porque nenhum sinal pode ser entendido ou investigado, a não ser em função da mente.

O rei Baltasar viu os dedos de uma mão que escreviam na parede e imediatamente se imprimiu no espírito, por meio dos sentidos do corpo, a imagem dessa realidade, produzida corporalmente. E uma vez passada e transcorrida a própria visão, ela permaneceu no pensamento. Via-a em espírito e não a compreendia. E esse sinal não tinha sido ainda compreendido, quando se produzia corporalmente e aparecia aos olhos do corpo. Contudo, já entendia que era um sinal de algo e entendia-o por encargo da mente. E quando investigava o que significaria, certamente também era a própria mente que realizava esta indagação. Mas não o tendo descoberto, fez comparecer Daniel, o qual, com a mente iluminada pelo espírito profético, revelou ao conturbado rei o que era pressagiado com aquele sinal. Por meio deste género de visão que é próprio da mente, ele próprio foi o profeta, mais do que o rei, que vira corporalmente um sinal produzido corporalmente, e depois de a imagem dele ter passado, pensando, o via no espírito, e não podia obter qualquer entendimento senão o de conhecer que era um sinal e indagar o que significaria (Cf. *Dan* 5, 5-28).

Pedro, num êxtase da mente, viu descer do céu um recipiente repleto de animais diversos, numa toalha presa por quatro pontas, quando ouviu uma voz que dizia: *Mata e come*. Quando retomou aos sentidos, refletia sobre a visão. Nisto, o espírito anunciou-lhe a chegada dos homens que Cornélio enviara, dizendo: *Eis três homens que te procuram. Levanta-te, pois, desce e vai com eles sem hesitar, porque fui eu que os enviei* (*Act.* 10, 20). Tendo ele chegado junto de Cornélio, explicou o que entendera da visão, quando ouvira: *Não chames impuro ao que Deus purificou* (*Act.* 10, 15). E ele próprio a explicou, dizendo: *Deus mostrou-me que a nenhum homem se há-de chamar puro ou impuro* (*Act.* 10, 28). Portanto, enquanto, separado dos sentidos do corpo, via aquela toalha e escutava aquelas vozes, que diziam, *Mata e come*, e *Não chames impuro ao que Deus purificou*, certamente escutava em espírito. Porém, tendo regressado aos sentidos do corpo, retinha no mesmo espírito, pela memória, isso mesmo que tinha visto e ouvido, e pensando, distinguiu-o claramente. Todas eram imagens de corpos, e não realidades corporais, quer as que primeiramente tinha visto no próprio êxtase, quer as que depois recordava e pensava. Mas, quando as analisava e indagava para compreender aqueles sinais, esse esforço era um ato da mente, mas sem obter resultado, até que lhe foram anunciados os homens que vinham da parte de Cornélio. Tendo-se acrescentado a esta visão corporal também a voz do Espírito Santo, novamente em espírito foi-lhe dito: *vai com eles*. Nesta visão, por um lado o espírito tinha-lhe mostrado o sinal, e por outro, imprimira nele as vozes.

E a sua mente, auxiliada pela inspiração divina, entendeu o que significavam todos aqueles sinais. Considerados atentamente estes factos e outros semelhantes, torna-se evidente que a visão corporal se refere à espiritual, e que esta mesma visão espiritual se refere à intelectual.

12. Quando, permanecendo em estado de vigília, a nossa mente não está separada dos sentidos corporais, usamos a visão corporal e distinguimo-la da visão espiritual, pela qual pensamos imaginariamente os corpos ausentes, quer os que conhecemos, recordando-os pela memória, quer os que não conhecemos e contudo existem, e que o espírito forma de alguma maneira no próprio pensamento, quer os que não existem absolutamente em nenhum lugar, e que a fantasia cria ao arbítrio da imaginação. De todas estas imagens, distinguimos a tal ponto as realidades corporais – que vemos, e que se apresentam aos nossos sentidos corporais – que jamais duvidamos que estas sejam corpos e aquelas imagens dos corpos. Mas quando, por uma concentração demasiado intensa do pensamento, ou pela força de uma doença, (como costuma acontecer aos frenéticos, quando deliram pela febre), ou por interferência de qualquer outro espírito, seja bom ou mau, as imagens das coisas corporais se tornam presentes no espírito como se os próprios corpos se apresentassem aos sentidos corporais – permanecendo contudo também a atenção por parte dos sentidos do corpo; neste caso, as imagens dos corpos que se formam no espírito são vistas como os próprios corpos se veem por meio do corpo. Neste caso, vê-se ao mesmo tempo o homem presente diante os olhos e o homem ausente, em espírito, como se estivesse diante dos olhos. De facto, eu tive a experiência de lidar com pessoas com esta afeição e comprovei que falavam com os que estavam realmente presentes e com outros, que não estavam, como se estivessem. Voltando a si, uns referem o que viram, outros não o podem fazer. Acontece o mesmo nos sonhos, uns esquecem, outros recordam. Mas quando a atenção do espírito se separa por completo dos sentidos corporais e é arrebatada, então costuma mais propriamente designar-se “êxtase”. Neste estado, mesmo com os olhos abertos, não se vê absolutamente nenhum corpo presente, seja ele qual for, nem se escuta absolutamente nenhuma voz: o olhar da alma está totalmente nas imagens dos corpos, por meio da visão espiritual, ou nas realidades incorpóreas, por meio da visão intelectual, sem qualquer representação de imagens de corpos.

Ora, quando ocorre a visão espiritual, e o espírito – inteiramente separado dos sentidos corporais – em sonhos, ou em êxtase, é ocupado

pelas imagens dos corpos, se aquilo que vê nada significa, então trata-se de imaginações da própria alma, assim como também os que permanecem são e em estado de vigília consideram no pensamento, sem qualquer movimento de separação do corpo, as imagens de muitos corpos que não se apresentam aos sentidos do corpo. A verdadeira diferença está em que tais imagens se distinguem, por uma afeção constante, dos corpos presentes e verdadeiros. Pelo contrário, se aquelas imagens significam algo, quer se apresentem aos que dormem, quer aos que permanecem em estado de vigília – na medida em que estes, por um lado veem com os olhos corpos presentes e, por outro, percebem com o espírito as imagens dos ausentes como se estivessem diante dos olhos; quer naquela visão que se chama “êxtase”, estando o espírito completamente separado dos sentidos do corpo – então esse é um fenómeno admirável. Mas pode suceder por interferência de um espírito alheio, que manifeste através deste género de imagens, aquilo que ele próprio conhece, àquele com o qual interfere, quer este as entenda, quer para que lhe sejam tornadas manifestas por meio de outro. Pois se tais imagens são mostradas, e se certamente não podem ser mostradas pelo corpo, que resta senão que sejam mostradas por um espírito?

13. Alguns querem afirmar que a alma humana tem em si própria um certo poder divinatório. Mas, se é assim, por que razão ela não pode adivinhar sempre que quer? Ou será que nem sempre é ajudada para que o possa fazer? Então, quando é ajudada, sê-lo-á por um corpo ou por nenhum? Por conseguinte, resta que seja ajudada pelo espírito. De que maneira é ajudada? Será que ocorre algo no corpo, por cuja causa a alma, como que desprendida, projete para fora de si a atenção que recai sobre o corpo e veja em si própria as semelhanças significantes, que já lá estavam sem que fossem vistas, tal como acontece com muitas outras coisas que temos na memória, às quais nem sempre prestamos atenção? Ou será que se produzem aí as que antes não existiam ou as que já existem em algum espírito e a alma, emergindo e elevando-se para fora de si mesma, vê-as aí? Mas se já estavam nela como algo próprio, porque é que, por consequência, também não as entendia? De facto, algumas vezes, e mesmo muitas, não entende. Ou será que, assim como o seu espírito é ajudado para que as veja em si, também a mente, se não for ajudada, não pode entender aquilo que o espírito possui? Ou não será que as realidades corpóreas são removidas, ou como que retirados os impedimentos, para que a alma, com o seu ímpeto, descubra nela as realidades que devem ser

vistas – mas, numa palavra, nestas a própria alma alcança o que deve discernir espiritualmente, ou conhecer intelectualmente? Ou será que umas vezes vê estas realidades em si mesma e outras pela mistura de outro espírito? O que quer que seja que aconteça acerca destas coisas, não é conveniente afirmá-lo temerariamente. Contudo, não deve haver dúvida de que as imagens corporais que são discernidas pelo espírito nem sempre são sinais de outras coisas, seja nos que estão despertos, seja nos que dormem, seja nos doentes: porém, seria de admirar se o êxtase pudesse dar-se alguma vez sem que as semelhanças das coisas corporais tivessem algum significado.

Certamente não é de admirar que os que têm algum demônio digam algumas vezes verdades que não estão presentes aos sentidos. Ignoro, certamente, que oculta mistura se faz entre esses espíritos para que o padecente e o seu agitador sejam como um. Porém, quando um espírito bom toma ou arrebatava o espírito humano para estas visões, de nenhum modo se deve duvidar que aquelas imagens são sinais de outras coisas e que é útil conhecê-las, uma vez que se trata de um dom de Deus. É extremamente difícil o discernimento, quando um espírito maligno age como que tranquilamente e, uma vez tomado o espírito humano sem qualquer agitação do corpo, diz o que pode. Além disso, quando diz verdades e – tal como está escrito, transfigurando-se, em anjo da luz¹ - prediz coisas úteis, fá-lo precisamente para que, dando crédito àquelas coisas manifestamente boas, seduza para a sua maldade. Julgo que isto não se pode discernir a não ser por meio daquele dom de que fala o Apóstolo ao tratar dos diversos dons de Deus: «*a outro, o discernimento dos espíritos*» (1 Cor 12, 10).

14. Na verdade, não é uma grande tarefa distinguir o espírito mau quando ele atinge ou conduz a alguma coisa que seja contra os bons costumes ou contra uma regra de fé: de facto, nesse caso é visto claramente por muitos. Por aquele dom, na própria origem na qual a muitos ainda aparece como bom, discerne-se imediatamente se é mau.

Os bons instruem-se e os maus erram pela visão corporal e pelas imagens das coisas corporais que se manifestam no espírito. No entanto, a visão intelectual não induz em erro. De facto, ou não compreende o que pensa ser outra coisa do que aquilo que é, ou, se compreende, segue-se imediatamente que é verdade. O que fazem os olhos quando não lhes

¹ 2 Cor 11, 14: «E não é de estranhar, porque o próprio Satanás, se disfarça em anjo da luz».

chega uma imagem semelhante a um corpo que possam distinguir de outra? E o que faz a atenção da alma, uma vez produzida no espírito uma imagem semelhante a um corpo que não tem o poder de distinguir do corpo? Mas o intelecto é convocado, procurando o que significam ou o que ensinam de útil. E, ou alcança o seu fruto, descobrindo-o, ou, se não o descobre, contém-se no seu juízo, para que não escorregue num erro funesto por uma pernicioso temeridade.

Porém, o sóbrio intelecto ajuíza, com a ajuda divina, quais e quantas são as coisas em que não é pernicioso para a alma que sejam tomadas por outras. De facto, para quem pensa que um bem é bom não há perigo nem mesmo ruína, ainda que seja um mal oculto, se não errar nas próprias coisas, isto é, no próprio bem que faz algo bom. E não é prejudicial que todos os homens julguem que as imagens que veem quando dormem sejam verdadeiros corpos; nem houve dano para Pedro, que, liberto das algemas, e conduzido por um anjo² – o que ocorreu por um repentino milagre – pensasse que se tratava de uma visão, ou quando, naquele êxtase, respondeu: «De modo algum, Senhor! Nunca comi nada de profano, nem de impuro» – pensando que as coisas que se apresentavam na toalha eram verdadeiros animais³. Quando se descobre que estas coisas são de outro modo do que haviam sido pensadas, a sua visão não nos é penosa, a não ser que nos mostre ou uma cruel infidelidade, ou um pensamento vão ou sacrílego. Por isso é que, quando o diabo nos engana nas visões corporais, não é prejudicial que os olhos sejam enganados se não houver erro quanto à verdade da fé nem quanto à integridade da inteligência, pela qual Deus instrui os seus súbditos. E se enganar a alma com a visão espiritual pelas imagens dos corpos, para que pense que é um corpo aquilo que não o é, não há nenhum prejuízo para a alma se esta não consentir nalguma pernicioso persuasão.

² Act 12, 7-9: «De repente, apareceu o anjo do Senhor e a masmorra foi inundada de luz. O anjo despertou Pedro, tocando-lhe no lado, e disse-lhe: «Ergue-te depressa!»! O anjo prosseguiu: «Põe o cinto e calça as sandálias», coisa que ele fez. Depois disse-lhe: «Envolve-te na tua capa e segue-me»: Pedro saiu e seguiu-o. Não abrangia a realidade do que lhe estava sucedendo por intervenção do anjo, pois julgava ter uma visão».

³ Act 10, 11-14: «Viu o céu aberto e um objecto, como uma grande toalha, atada pelas quatro pontas, a descer para a terra. Estava cheia de todos os quadrúpedes e répteis da Terra e de todas as aves do céu. E uma voz dizia-lhe: «Vamos, Pedro, mata e come». Mas Pedro retorquiu: “De modo algum, Senhor! Nunca comi nada de profano nem de impuro”».

15. Daqui surge às vezes a questão do consentimento dos que sonham, quando se veem a ter relações carnis, ou contra a sua intenção, ou também contra os costumes permitidos. O que não acontece a não ser quando pensamos estas coisas estando despertos, não com o prazer do consentimento; mas tal como também por algum motivo falamos destas coisas, assim também elas são recordadas em sonhos e expressas de tal modo que a carne se move naturalmente e solta-se pelas vias genitais o que está naturalmente reunido. De igual modo, certamente não poderia dizer isto a não ser que também o pensasse. Além disso, se as imagens das coisas corporais – nas quais necessariamente pensei para dizer isto – forem apresentadas em sonhos tão manifestamente quanto os corpos são apresentados aos que estão acordados, pode acontecer aquilo que, sem pecado, não pode acontecer a quem está acordado. Na verdade, quem é que pode não pensar o que diz quando, impelido pela necessidade do discurso, fala ou diz algo acerca das suas relações carnis? Além disso, pela própria imagem que é produzida no pensamento de quem fala – quando é expressa na visão do que sonha, de tal modo que não há distinção entre ela e uma verdadeira união carnal – a carne é imediatamente movida e produz-se o que costuma seguir-se a este movimento, embora isso ocorra tão sem pecado quanto sem pecado é dito pelo que está em estado de vigília, o qual, para o dizer, sem dúvida que o pensou. Todavia, é verdade que a boa afeição da alma – que, uma vez purificada por um desejo melhor – mata a cupidez desenfreada que não pertence ao movimento natural da carne, que os castos, em estado de vigília, retêm e refreiam. Mas quando dormem não o podem fazer porque não têm o poder de remover a expressão da imagem corporal, que não pode distinguir-se do corpo: então, por causa daquela boa afeição da alma, também no sono brilham alguns dos seus méritos. De facto, também Salomão, enquanto dormia, preferiu a sabedoria a todas as coisas, e pediu-a a Deus depreciando tudo o mais. Tal como testemunha a Escritura, isso agradou a Deus, que retribuiu de imediato o bom desejo⁴.

16. Assim sendo, o sentido do corpo diz respeito às visões corporais, que são distribuídas ao longo de, por assim dizer, cinco riachos de diferente vigor; pois aquilo que, no corpo, é absolutamente subtil – e, por essa razão é mais próximo da alma – isto é, a luz, primeiro difunde-se unicamente através dos olhos, e emite a partir deles⁵ sob a forma de raios

⁴ 3 Reis 3, 5-15.

⁵ [em vez de raios oculares].

para contemplar as coisas visíveis; segue-se uma certa mistura, em primeiro lugar com o ar puro, em segundo com ar caliginoso e nebuloso, em terceiro com humidade mais densa, em quarto com a terra espessa, e assim dá origem, com o próprio sentido da vista no qual só ela excede, aos cinco sentidos, como me recordo de ter discutido nos livros quarto e sétimo⁶. Ora, este céu, no qual resplandecem os astros e as constelações, é visível para os olhos e é certamente mais excelente do que todos os elementos corpóreos, tal como o sentido dos olhos sobressai no corpo. Na verdade, dado que todo o espírito é sem dúvida superior a todo o corpo, segue-se que, não pelo lugar em que se posiciona, mas pela dignidade da sua natureza, a natureza espiritual - incluindo também aquela na qual se exprimem as imagens de todas as coisas corporais - é superior a este céu corpóreo.

Aqui surge algo admirável: que mesmo que o espírito se anteponha ao corpo, e a imagem do corpo se posponha ao corpo; contudo, porque aquilo que é posterior temporalmente ocorre naquilo que é por natureza anterior, a imagem do corpo no espírito é superior ao próprio corpo na sua substância. E na verdade nem se deve pensar que o corpo produza algo no espírito, como se o espírito estivesse submetido à ação do corpo, como por sua vez está a matéria. De facto, de qualquer das maneiras, o que produz é superior àquilo a partir do qual produz, e de modo nenhum o corpo é superior ao espírito - pelo contrário, de um modo mais evidente, o espírito é superior ao corpo. Portanto, embora vejamos primeiramente um qualquer corpo, que antes não havíamos visto, e a partir daí comece a imagem dele a estar no nosso espírito - pela qual o recordamos quando estiver ausente - contudo, essa mesma imagem dele não é o corpo que a produz no espírito, mas é o próprio espírito que a produz em si mesmo com uma admirável celeridade que se afasta inefavelmente da lentidão do corpo. Esta imagem, mal tenha sido vista pelos olhos, é formada no espírito do que vê sem nenhum intervalo de tempo. Igualmente no caso do ouvido, se o espírito não formasse em si mesmo imediatamente uma

⁶ O livro IV expõe a doutrina de Agostinho acerca do significado da criação em seis dias, do que se criou, de se houve criação simultânea, de se Deus descansa (no sétimo dia), etc. Ao expô-la, a superioridade da luz nas coisas materiais e da visão face aos outros sentidos é patente. O livro VII indaga sobre a alma humana a partir da passagem em que Deus sopra a vida no pó da terra e faz o homem. Aí, em XIII ou 20, expõe a mesma doutrina que aqui vem referida, e que diz retirar dos ensinamentos dos médicos - os quatro elementos estão de alguma forma misturados no nosso corpo e participam no nosso contacto com o mundo e a luz dimana dos nossos olhos para iluminar os objectos que vemos.

imagem da palavra percebida pelos ouvidos e se não a retivesse na memória, ignorar-se-ia se a segunda sílaba seria a segunda, visto que certamente não existiria a primeira, que depois de percutir no ouvido desapareceria, e assim, todo o uso da linguagem, toda a suavidade do canto, enfim, todo o movimento realizado nos nossos atos corpóreos findaria extinto. E também não se obteria nenhum progresso se, uma vez passados os movimentos do corpo, o espírito os retivesse sob o modo de memória⁷, para poder ligar a estes os que vêm a seguir ao longo duma ação. O espírito não retém a não ser aqueles que tenha produzido em si sob o modo de imagem⁸. E também as próprias imagens dos movimentos futuros antecipam o fim dos nossos atos. Com efeito, que haverá que façamos por meio do corpo que o espírito, pensando, não tenha já antecipado e não tenha primeiramente visto e, de certo modo, ordenado as semelhanças de todas as suas obras visíveis?

17. É difícil descobrir e explicar de que modo as semelhanças espirituais dos corpos na nossa alma são conhecidas dos espíritos, mesmo dos impuros, ou de que obstáculo padece a nossa alma neste corpo terreno, de tal forma que nós não somos capazes de ver no nosso espírito as que estão nos deles⁹. Contudo, está estabelecido entre nós por meio de provas absolutamente evidentes que há pensamentos humanos revelados pelos demónios, os quais, contudo, se pudessem conhecer nos homens a forma interior das virtudes, não os tentariam. E assim, por exemplo, se o diabo pudesse conhecer a nobre e admirável paciência¹⁰ de Job, certamente não quererá arriscar ser vencido por aquele que tentou. Além disso, não é de admirar que anunciem acontecimentos que se passaram em qualquer parte longínqua, os quais se confirma serem verdadeiros após um certo número de dias. Podem, de facto, fazê-lo, não só pela sua acuidade de visão – também nas coisas corporais incomparavelmente superior à nossa –, mas também pela admirável velocidade dos seus corpos muito mais subtis.

Soubemos também de um homem, retido em sua casa, que padecia de um espírito impuro – que, quando o padre começava a vir ao seu encontro,

⁷ *Memoriter.*

⁸ *Imaginaliter.*

⁹ Isto é, de ver nosso espírito as que estão nos deles.

¹⁰ Paciência tem um sentido mais forte do que aquele que lhe damos actualmente. Significa capacidade de sofrer, de padecer, e não apenas uma mera tranquilidade perante uma fila de espera, ou uma situação socialmente inquietante, ou algo deste género.

vindo de doze milhas de distância, costumava dizer todos os lugares por onde ele andou - quanto se aproximou, quando entrou na propriedade, na casa e no quarto, até ao momento em que este chegou à sua presença. Ainda que o doente não visse todas estas coisas com os olhos, todavia, se não as tivesse visto de algum modo, também não as teria enunciado com veracidade. Encontrava-se, porém, febril e dizia estas coisas em estado frenético. E, efetivamente, talvez estivesse apenas com febre, mas pensava-se que estava possuído por um demónio por causa destas coisas. Não aceitava nenhuma refeição dos seus, mas apenas daquele padre. Além disso, resistia aos seus violentamente, o quanto conseguia. Só se acalmava com a vinda do padre, a tal ponto que lhe era submisso e com submissão lhe respondia. Todavia, nem ao menos com o próprio padre cessava o estado de alienação mental ou a possessão pelo demónio, a não ser quando ficou curado da febre, como os frenéticos costumam curar-se. Depois disso nunca mais padeceu de algo semelhante.

Também soubemos de alguém que, sem dúvida, se encontrava frenético, que predisse a morte de uma certa mulher, não certamente como numa profecia, mas como se trouxesse à memória um facto passado. Efetivamente, essa recordação foi feita na companhia dela. Ele disse – “Está morta, eu vi-a ser levada a enterrar. Fizeram passar por aqui o seu corpo” – embora ela estivesse perfeitamente sã. Porém, poucos dias depois, ela morreu de repente e foi levada por aquele lugar, tal como ele predissera.

Esteve igualmente entre nós um rapaz que, ao chegar à puberdade, padecia de dores acérrimas nos genitais, sem que os médicos fossem capazes, de maneira alguma, de compreender o que seria aquilo, a não ser que o seu nervo viril se encontrava metido para dentro, de tal modo que, uma vez cortado o prepúcio, que tinha um tamanho desmesurado, nem mesmo então podia ser visto, embora depois tivesse sido encontrado a custo. Porém, um humor viscoso e acre corria abundantemente e ardia nos testículos e na virilha. Mas não sofria continuamente da dor aguda, e quando sofria, o rapaz lamentava-se veementemente, agitando os membros, ainda que a sua mente estivesse perfeitamente sã, como costuma acontecer com a dor provocada por torturas corporais. Além disso, no meio dos seus gritos era arrebatado de todos os sentidos¹¹ e mantinha os olhos abertos sem ver ninguém à sua volta, não reagindo a nenhum estímulo. Passado algum tempo, despertava sem sentir já dor e contava aquilo que tinha visto. Então, passados poucos dias, voltava a

¹¹ Desmaiava.

padecer do mesmo. Em todas ou quase todas as suas visões, o rapaz dizia ver dois indivíduos, um de idade avançada, outro jovem, que lhe diziam ou mostravam aquilo que ele narrava ter ouvido e visto.

Certo dia, viu um coro de fiéis, cantando com alegria, envoltos numa luz maravilhosa, e um grupo de ímpios envoltos em trevas sofrendo tormentos diversos e atrozes. O velho e o rapaz conduziam-no, mostrando e explicando que uns mereciam a felicidade e outros a infelicidade. Esta visão, viu-a no domingo de Páscoa, sendo que em toda a quaresma não tinha sentido nenhuma dor, apesar de, anteriormente, ser poupado das dores apenas num intervalo de tempo de três dias. Mas no próprio início da quaresma, vira-os a prometerem-lhe que ao longo de quarenta dias não haveria de sentir nenhuma dor. Depois, deram-lhe também um conselho médico: que o comprimento do prepúcio fosse reduzido e que, feito isso, não teria dores durante muito tempo. Uma vez que, na verdade, voltou a ter de novo dores e começou a ter as mesmas visões, recebeu novamente da parte deles um conselho: que molhasse o púbis no mar e só passado algum tempo saísse de lá, prometendo seguramente que posteriormente não haveria de sentir mais aquelas dores veementes, mas apenas o incômodo do humor viscoso delas. E assim o fez. Depois, não padeceu de mais nada desse género de ficar a mente afastada dos sentidos nem voltou a ter visões do género das que tinha antes quando, no meio das dores e dos gritos horrendos, de repente era fortemente arrebatado e ficava em silêncio. Mais tarde, contudo, tendo os médicos, além disso, curado e dado saúde ao rapaz, ele não permaneceu no propósito da santidade¹².

18. Se alguém puder investigar as causas e modos dessas visões e adivinhações e de as compreender de modo exato, eu prefiro ouvi-lo a que se espere de mim que eu próprio o explique. Todavia, não ocultarei aquilo que penso, de modo a que nem se riam de mim os doutos como se eu estivesse a falar com certeza, nem os incultos me tomem por um mestre, mas que ambos me considerem mais como alguém que discute e procura do que como alguém que sabe. Eu comparo todas estas visões com os sonhos dos que dormem. Na verdade, tal como algumas vezes estes são falsos, outras porém verdadeiros, algumas vezes perturbados, outras tranquilos; e os próprios sonhos verdadeiros, algumas vezes são semelhantes em tudo aos acontecimentos futuros ou prevêem-nos abertamente, outras vezes são prenúncios de significados obscuros e

¹² Segundo a edição francesa, o rapaz pertencia à comunidade monacal de Hipona. *Vide* pág. 391, nota 44.

expressos figuradamente, assim também o são todas aquelas visões. Mas os homens gostam de olhar com admiração o não experimentado e de procurar as causas das coisas insólitas, e não se ocupam das coisas quotidianas, a maioria das vezes semelhantes no que toca ao desconhecimento das suas origens obscuras. Com efeito, passa-se o mesmo nas palavras, isto é, nos signos que são usados na fala – ouvida uma palavra inusitada, perguntam primeiro o que é, isto é, o que significa e, conhecido isto, depois perguntam donde deriva, embora não saibam donde provêm muitas palavras que usam habitualmente no discurso e não se preocupem com isso. Passa-se o mesmo quando algo insólito acontece, seja corporal ou espiritual – perguntam com solicitude as causas e razões e pedem aos doutos a resposta.

Mas eu costumo responder, quando alguém me pergunta qual o sentido de, por exemplo, *catus*: “prudente ou engenhoso” (*prudens uel acutus*); e essa pessoa não se satisfaz com a minha resposta, mas continua a perguntar donde deriva *catus*, e, de novo, a insistir e perguntar donde deriva engenhoso (*acutus*) - coisa que, em todo o caso, ele não menos ignorava, mas uma vez que era um nome usual, desconhecia a sua origem com resignação; mas, porque soa nos seus ouvidos como uma nova palavra, pensa que pouco sabe acerca do seu significado, a não ser que procure donde deriva. Portanto, se me perguntarem donde aparecem as semelhanças das visões corporais no êxtase, coisa que acontece raramente na alma, eu, por minha vez, pergunto donde aparecem as semelhanças nos sonhos, que a alma experimenta quotidianamente, e que ninguém indaga ou se preocupa muito em indagar. Como se a natureza de tais visões fosse verdadeiramente menos admirável por serem estas quotidianas, ou como se carecessem de menor preocupação por serem visões de toda a gente, ou como se estivessem corretos os que não indagam e não têm curiosidade. Quanto a mim, fico tão admirado e estupefacto com a celeridade e facilidade que a alma tem para fabricar em si imagens dos corpos que viu pelos olhos corporais, quanto com as visões dos sonhos e também do êxtase. Contudo, qualquer que seja a natureza daquelas visões, sem dúvida que ela não é corporal. Quem achar que não é suficiente saber isto, procure junto de outro donde vêm estas imagens: eu confesso a minha ignorância.

19. Isto é o que se pode concluir de modo evidente no que experimentamos, como a palidez, o rubor, o tremor ou até a doença dos corpos: umas vezes têm causa no corpo, outras na alma – no corpo, certamente, quando é derramado um líquido ou é ingerido um alimento ou

qualquer outro corpo do exterior; na alma, quando se fica agitado pelo medo ou se fica confuso pela vergonha ou se fica com ira ou amor ou qualquer afeção deste género. Tudo isto não acontece sem motivo, pois é verdade que o que anima e rege o homem produz um movimento mais violento quanto mais seja movimentado. O mesmo se passa com a própria alma, quando se encaminha para estas visões, as quais não são anunciadas pelos sentidos do corpo, mas por uma substância incorpórea, e assim ela encaminha-se – embora não distinga se as visões são de corpos ou de imagens corporais – algumas vezes debruçando-se em direção ao corpo, outras ao espírito. E em direção ao corpo, quer naquelas de sucessão natural, como é o caso das visões dos sonhos, já que para o homem, dormir é uma função do corpo; quer naquelas em que os sentidos estão perturbados por má saúde, como no caso dos frenéticos que veem coisas corporais e imagens de corpos, como se estivessem presentes aos olhos; ou quando os sentidos se encontram profundamente obstruídos, como acontece frequentemente àqueles que, por causa do agravamento de alguma doença se encontram ausentes, embora de corpo presente, e dizem depois terem visto muitas coisas. Em direção ao espírito, pelo contrário, quando, estando o corpo completamente são e íntegro, os homens são arrebatados para fora de si: quer por causa de verem corpos pelos sentidos do corpo e imagens dos corpos no espírito sem distinguir uns e outros; quer por serem completamente afastados dos sentidos da carne e, não sentindo seja o que for através deles, terem a visão espiritual de semelhanças dos corpos. Mas quando um mau espírito os arrebatava, ou se tornam demoníacos ou possessos, ou falsos profetas; quando, porém, é um espírito bom, revelando os mistérios aos fiéis, ou se por acaso o que dizem for inteligível, tornam-se verdadeiros profetas ou, no tempo, narrando e vendo o que é necessário que seja mostrado por meio deles.

20. Mas quando a causa de se perceberem tais visões se encontra no corpo, não é o corpo que as exhibe – e não tem, na verdade, aquela força para formar algo espiritual –, mas o itinerário da atenção da alma¹³ pela qual se dirigem as sensações, encontra-se adormecido ou perturbado, ou até intercetado a partir do cérebro. A própria alma - que não pode, através do seu próprio movimento, criar ou fazer cessar estas visões porque não deixa, ou não deixa completamente, de sentir as coisas corporais ou de

¹³ Na tradução portuguesa de *De libero arbitrio*, publicada na Imprensa Nacional Casa da Moeda em 2001, traduzimos a expressão latina “*intentio animi*” por “tensão interior do espírito”.

dirigir a sua atenção para as mesmas – produz no espírito semelhanças dos corpos, ou observa as coisas que lhe são apresentadas. E, se é ela própria que as produz, são apenas imaginações. Se, porém, observa as coisas que lhe são apresentadas, trata-se de ostensões. Enfim, quando os olhos estão doentes ou cegos, uma vez que a causa não chega ao cérebro – de onde é dirigida a própria atenção da sensação – não se produzem visões deste género, embora o obstáculo para o discernimento das coisas corporais exista da parte do corpo. Na verdade, os cegos veem mais coisas quando dormem do que em estado de vigília. De facto, durante o sono, a via das sensações – que conduz a atenção em direção aos olhos – está adormecida no cérebro, e por isso essa mesma atenção, desviada para outra coisa, discerne as visões dos sonhos como se estivessem presentes formas corporais, de tal modo que, àquele que dorme, parece-lhe estar acordado, e pensa que vê os próprios corpos e não as semelhanças dos corpos. Porém, quando os cegos estão acordados, a atenção de discernir é conduzida por aquelas vias e, uma vez chegada aos olhos, não sai para o exterior, mas permanece ali; de tal modo que os cegos experimentam mais estar acordados e estar no escuro, quando estão acordados durante o dia, do que dormindo, quer seja dia, quer seja noite. E de facto também aqueles que não são cegos e dormem com os olhos abertos, nada veem por meio deles; mas não é por isso que nada veem, já que discernem com o espírito as visões dos sonhos; se, porém, estiverem acordados e de olhos fechados, nem têm à mão as visões dos que dormem nem as dos que estão acordados. Contudo, aquele cuja via da sensação – nem entorpecida, nem conturbada, nem fechada –, chega aos olhos a partir do cérebro e que conduz a atenção da alma até às próprias portas do corpo, ainda que fechadas, é capaz de pensar as imagens corporais, sem que de nenhum modo sejam tidas como os corpos que se percebem por meio dos olhos.

Interessa muito saber onde se situa aquilo que impede sentir as realidades corporais, quando este impedimento ocorre no corpo. Se de facto ele é produzido nos próprios átrios e como que portas dos sentidos – a saber, nos olhos, nos ouvidos e nos demais sentidos do corpo – apenas fica impedida a percepção das realidades corporais, mas a atenção da alma não se desvia para outro lado de tal maneira que tome as imagens corporais por corpos. Mas se há uma causa no interior do cérebro a partir da qual se orientem os caminhos para o que está no exterior, deve ser sentida; e os canais da própria atenção, pelos quais a alma se esforça em direção àquelas realidades que estão fora para ser sentidas e intuídas, estão entorpecidos, perturbados ou interditos. Mas como a alma não suprime este esforço, forma imagens de tão grande expressividade que não é capaz

de distinguir entre as imagens corporais e os corpos: e ignora se se encontra nestes ou naquelas. E quando sabe, sabe-o de um modo muito diferente do que quando se volta para o pensamento ou quando ocorrem semelhanças dos corpos. Este limite não pode ser percebido a não ser por quem o experimentou. Certa vez, em que eu estava a dormir, sabia que estava a ver em sonhos e contudo não distinguia entre as semelhanças das realidades corporais que via, e os próprios corpos, do mesmo modo que quando as pensamos de olhos fechados ou no escuro também as costumamos distinguir. A própria atenção da alma tem um poder tal que ou se prolonga até aos sentidos, embora fechados; ou fica no próprio cérebro, a partir do qual se esforça nessa direção, e por alguma causa se afasta noutra direção¹⁴; nesse caso, embora então conhecesse em si, não os corpos, mas as semelhanças dos corpos – ou, se menos instruída, considerasse que elas também são corpos – sentiria que as vê não com o corpo, mas com o espírito. Contudo, essa produção é muito diferente da afeção que é apresentada. É por isso que os cegos sabem que estão acordados quando, pensando as semelhanças dos corpos a partir dos corpos que não podem ver, as distinguem por meio de uma noção exata.

21. Mas quando o corpo está são e os sentidos não estão adormecidos pelo sono, a alma é arrebatada por alguma operação espiritual oculta, para aquelas visões que são semelhantes aos corpos - não porque o modo da visão é diferente, mas porque é também diferente a sua natureza, uma vez que, naquelas causas que provêm do corpo, há certamente diferença e por vezes contrariedade; com efeito, os frenéticos, quando não estão a dormir, têm mais perturbadas, na cabeça, as vias da sensação, de tal modo que veem as coisas tais como as veem os que sonham, cuja atenção, durante o sono, se afasta dos sentidos e se dirige para estas visões. Portanto, uma vez que aquilo acontece quando não se dorme, e isto porém dormindo, contudo as coisas que se veem não são de outro género senão do da natureza do espírito, a partir do qual e no qual se produzem as semelhanças dos corpos. Assim, por mais diversa que seja a causa do afastamento da atenção, quando, com o corpo são e em estado de vigília, a alma é arrebatada por uma força oculta do espírito de tal modo que vê, no espírito, em vez de corpos, imagens das realidades corporais, contudo a natureza das visões é a mesma. E na verdade não se pode dizer que, uma vez que a causa se encontra no corpo, a alma, sem qualquer

¹⁴ Isto é: esforça-se por ir em direção aos sentidos e, por algum motivo, afasta-se noutra direção.

pressentimento das coisas futuras, retira de si própria imagens dos corpos, tal como também costuma fazer quando as pensa. Pelo contrário, quando, ao ver estas imagens, é tomada por um espírito, estas são-lhe mostradas por ação divina. De facto, a escritura diz abertamente: “derramarei o meu espírito sobre todos e os jovens terão visões, e os anciãos terão sonhos”¹⁵, atribuindo ambos à ação divina, e: “o anjo do Senhor apareceu ao homem em sonhos e disse: «não temas receber Maria, tua esposa»”¹⁶, e ainda: “toma o menino e vai para o Egipto”¹⁷.

22. E portanto, não penso que o espírito bom se apresente ao espírito do homem para que ele veja essas imagens a não ser que elas signifiquem alguma coisa. Inversamente, quando a causa destas imagens se encontra no corpo, dado que o espírito humano atenta nestas para as ver mais vivazmente, não é de crer que signifiquem sempre alguma coisa; mas têm significado, quando são inspiradas por um espírito que as mostra, seja ao que dorme, seja a alguém que padeça de algo no corpo ao ponto de ser afastado dos sentidos da carne. Sabemos também que - nos que estão acordados, e aos quais nenhuma doença afeta nem o furor exaspera - ocorrem pensamentos postos por uma certa inspiração oculta, que, ao serem ditos, se tornam profecias – não só nos que o fazem sem querer, tal como o pontífice Caifás, que profetizou sem que a sua vontade o intencionasse¹⁸, como também nos verdadeiros inspirados, que disseram algo à maneira de uma adivinhação.

Certos jovens, agindo de maneira jocosa quando iam de viagem, fizeram-se passar por astrólogos, apesar de totalmente ignorantes dos doze signos. Como viram o seu anfitrião ficar surpreendido com o que diziam e afirmar que o que diziam era testemunho da verdade, prosseguiram com mais audácia ainda. E ele estava admirado, confirmando tudo. Por fim, questionou os jovens acerca do estado do filho, que, tendo-se ausentado por muito tempo, ansiava reencontrar e, como se atrasara sem motivo, estava preocupado pelo que lhe pudesse ter acontecido. Mas eles – sem se preocuparem que, quando se fossem embora, ele viesse a saber a verdade, pensando que enquanto estivessem presentes deixariam o homem contente – imediatamente responderam, já preparados para partir, que o seu filho estava são e a aproximar-se, e que naquele mesmo dia em que diziam

¹⁵ *Jl* 3, 1.

¹⁶ *Mt* 1, 20.

¹⁷ *Mt* 2,13.

¹⁸ *Jo* 11, 51: «Ora ele não disse isto por si próprio, mas, sendo sumo Sacerdote, naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela Nação».

estas coisas ele deveria estar a chegar. E eles, na verdade, não temiam que o homem os seguisse no dia seguinte mostrando a falsidade do que haviam dito assim que aquele dia passasse sem que o filho chegasse. E para quê gastar mais palavras? Enquanto se estavam a preparar para ir embora, eis que de súbito chega o filho do anfitrião, ainda na presença deles.

Do mesmo modo, outro jovem dançava ao som da música, num lugar onde havia muitos ídolos para as cerimónias religiosas dos pagãos. Não se encontrava arrebatado por nenhum espírito, mas por brincadeira imitava os arrebatados perante os que estavam ao seu redor e o observavam. De facto, era costume, antes do almoço, fazer sacrifícios e danças de culto, mas se os adolescentes depois de almoço quisessem gozar com este costume, ninguém os proibia. Ele, então, enquanto dançava, tendo-se feito silêncio, gozando e rindo da multidão que o cercava, previu que naquela noite que começava a cair, na floresta próxima, um homem iria ser morto por um leão e a turba, ao romper do dia seguinte, iria ao encontro do seu cadáver, desertando do local das cerimónias. E assim foi. E todos os presentes confirmaram que o que fora dito por ele ao brincar e no gozo não se deveria a nenhuma perturbação ou alienação mental. Também ele ficou tanto mais admirado do que acontecera quanto mais conhecia com que intenção e de que maneira o tinha predito.

De que modo estas visões chegam ao espírito humano? Será que são formadas originariamente nele? Ou são introduzidas já formadas, e são contempladas por uma certa afinidade dos espíritos, do mesmo modo que os anjos mostram aos homens os seus pensamentos, bem como as semelhanças das realidades corporais, que os anjos formam previamente no seu espírito pelo conhecimento das coisas futuras? E do mesmo modo que eles próprios veem os nossos pensamentos certamente não com os olhos, uma vez que não veem com o corpo, mas com o espírito? Apenas com esta diferença: eles conhecem os nossos pensamentos, ainda que não o queiramos; nós, porém, não podemos conhecer os deles, a não ser que no-los mostrem. Deste modo, penso eu, eles têm o poder de ocultar os seus pensamentos por meios espirituais, do mesmo modo que nós escondemos com certos obstáculos os nossos corpos para que não sejam vistos pelos olhos dos outros. E o que é que acontece no nosso espírito, para que, umas vezes, sejam vistas claramente imagens com significado e se ignore que signifiquem alguma coisa, e outras vezes, pelo contrário a alma humana, e o espírito e a mente, veja o que significam estas por uma revelação mais plena? Sabê-lo é maximamente difícil e, supondo que já o sabemos, é extremamente trabalhoso tratar e explicar tudo isto.

23. Como julgo já ter mostrado suficientemente, sem dúvida que há em nós uma certa natureza espiritual onde são formadas as semelhanças das realidades corporais: seja quando tocamos algum corpo com um sentido do corpo e se forma imediatamente uma semelhança dele no espírito, e é conservada na memória; ou quando, na ausência dos corpos já conhecidos, os pensamos, para que se forme a partir deles uma certa aparência espiritual, que já se encontrava no espírito antes que pensássemos neles; ou quando intuímos semelhanças de corpos – que não conhecemos mas de cuja existência contudo não duvidamos – não como elas são, mas como vêm ao pensamento; ou quando, arbitrariamente ou consoante conjeturas, pensamos outras que, ou não existem, ou não é conhecida a sua existência; ou quando várias formas de imagens corporais são apresentadas sob vários aspetos na alma, sem ser por nossa iniciativa ou por vontade nossa; ou quando nos dispomos relativamente a qualquer coisa que há-de agir corporalmente e antecipamos todos os pensamentos acerca disso; ou já no próprio ato, quer quando nos exprimimos quer quando agimos, ao serem prevenidos todos os movimentos corporais que possam dar-se através das suas semelhanças interiores no espírito – de facto, nem a mais breve sílaba pode ser posta na sua ordem a não ser que tivesse soado anteriormente; ou quando são vistos sonhos por quem dorme, tenham eles ou não significado; ou quando, estando a saúde corporal a perturbar o itinerário interior da sensação, o espírito mistura imagens de corpos e corpos reais, de modo que só a custo os pode distinguir ou não o pode fazer de todo, nem pode ficar a saber se significam algo ou se não têm significado nenhum; ou quando se agrava alguma doença ou dor corporal e se obstruem as vias interiores da alma, de onde a atenção saía e se esforçava para sentir por meio da carne mais do que quando, estando o sono ausente do espírito, surgem ou se manifestam imagens das coisas corporais que, ou significam algo, ou aparecem sem qualquer significado; ou quando, sem qualquer causa proveniente do corpo, a alma é arrebatada por algum espírito que toma posse dela e a transporta para ver este tipo de semelhanças dos corpos misturando-as com visões de corpos, pois ao mesmo tempo também faz uso dos sentidos do corpo; ou quando a alma, tomada por um espírito, se encontra alheada e afastada de todos os sentidos do corpo, de modo que é conservada somente a visão espiritual das semelhanças dos corpos, caso em que ignoro se poderá ver alguma coisa que nada signifique.

24. Portanto, esta natureza espiritual onde são expressos, não os corpos mas as semelhanças dos corpos, é de um género inferior de visões comparativamente àquela luz da mente e da inteligência, pela qual essas visões são julgadas e se distingue aquilo que nem é corpo nem gera formas semelhantes aos corpos, como a própria mente e toda a boa afeição da alma, à qual todos os vícios são contrários, os quais são corretamente censurados e condenados nos homens. De que outro modo o próprio intelecto é visto, a não ser inteligendo? *Assim também é vista a caridade, a alegria, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fé, a mansidão, a temperança* e outras realidades deste género, que se aproximam de Deus e o próprio Deus, de quem é tudo, para quem é tudo e em quem tudo é.

Portanto, embora as visões sejam produzidas na alma ela mesma – quer as que são sentidas pelo corpo, como este céu corpóreo, a terra e tudo aquilo que neles pode ser observado e tal como o possam ser; quer as que são semelhanças dos corpos que se veem pelo espírito, acerca das quais já muito falámos; quer as que são entendidas pela mente, não sendo corpos nem semelhanças de corpos –, estas visões têm certamente a sua ordem e umas são superiores às outras. De facto, a visão espiritual é superior à corporal e do mesmo modo a intelectual é superior à espiritual. A corporal não pode existir sem a espiritual, pois que no mesmo momento em que um corpo é atingido por um sentido do corpo, produz-se na alma algo que não é esse corpo, mas que lhe é semelhante; e se isso não ocorresse, também os sentidos não seriam aquilo pelo qual se sentem as coisas que estão no exterior, colocadas junto a eles¹⁹. E de facto não é o corpo que sente, mas a alma através do corpo, do qual se serve como de um mensageiro para formar em si mesma o que é anunciado do exterior. Assim, a visão corporal não pode ser produzida a não ser que ao mesmo tempo se produza uma semelhança espiritual; mas não se distinguem, a não ser quando o sentido é afastado do corpo para que aquilo que é visto pelo corpo se encontre no espírito. Por outro lado, a visão espiritual pode também ser produzida sem a corporal, quando, na ausência de corpos, aparecem semelhanças no espírito, ou formamos muitas outras, tanto por decisão nossa como mostradas sem ela. Do mesmo modo, a visão espiritual tem necessidade da intelectual, para ser julgada, mas a intelectual não necessita da espiritual, que lhe é inferior. Assim, a visão

¹⁹ Definição de “sentidos”: aquilo pelo qual se sentem as coisas que jazem no exterior, que estão colocadas do lado de fora. Doutrina analisada ao longo do Livro VI de *De musica*, com esta mesma definição: não é o corpo que sente sed anima per corpus.

corporal está subordinada à espiritual, e uma e outra estão subordinadas à intelectual. Quando, portanto, lemos – “o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele próprio não é julgado por ninguém”²⁰ –, não o devemos entender segundo aquele significado de espírito do qual a mente se distingue, como o que foi dito em «*Orarei com o espírito e orarei igualmente com a mente*»²¹, mas devemos entendê-lo a partir daquela noção com que é dito noutra passagem: «*sois renovados no espírito da vossa mente*»²². De facto, já acima ensinámos de que outro modo a própria mente se chama espírito, como quando se diz que o homem espiritual julga todas as coisas. Por conseguinte, julgo não colocar absurda ou inconvenientemente a visão espiritual como obtendo uma certa posição intermédia entre a intelectual e a corporal. Penso, com efeito, que não é incongruente dizer que está no meio, pois certamente não é um corpo, mas é semelhante ao corpo, e está entre aquilo que é verdadeiramente corpo, e aquilo que nem é corpo nem é semelhante ao corpo.

25. Ora, a alma é iludida pelas semelhanças das coisas – não pela falsidade destas, mas por uma opinião sua – quando, por uma falha de inteligência, julga as coisas que são semelhantes de acordo com aquelas às quais elas são semelhantes. Engana-se, portanto, na visão corporal quando pensa que ocorre nos próprios corpos o que ocorre nos sentidos do corpo, tal como no caso dos navegantes quando lhes parece que se movem em terra coisas que estão fixas, e dos que, quando olham para o céu, lhes parece que os astros, que se movem, estão fixos, ou como quando os raios oculares se afastam e aparecem duas lucernas quando só se encontra uma presente, ou como o remo partido na água e muitas deste mesmo género. Ou então quando alguém pensa que uma coisa é outra, por causa de terem cor, som, cheiro, sabor, ou textura semelhante – de facto, acontece que um certo medicamento endurecido com cera num caldeirão é tomado por um legume; o ruído de um veículo a transitar é o por um trovão; e se não se atender a nenhum outro sentido, mas apenas ao olfato, o limão é tomado por uma erva a que dão o nome de *apiaria*, e cujo suco adocicado é tomado por mel; um anel desconhecido manuseado no escuro é julgado ser de ouro, quando é de bronze ou prata. Ou também quando a alma é perturbada por visões corporais repentinas e inopinadas e, ou crê vê-las em sonho, ou crê ser afetada por alguma visão espiritual desse género: por

²⁰ I Cor, 2, 15 Lugar paralelo em *De vera religione*.

²¹ I Cor, 14, 15.

²² Ef 4, 23.

isso, em todas as visões corporais é convocado o testemunho de outros sentidos, e sobretudo o da própria mente e da razão, para se descobrir o que há de verdade neste género de coisas, tanto quanto se pode descobrir. Mas, nas visões espirituais, isto é, nas semelhanças dos corpos que são vistas pelo espírito, a alma engana-se quando julga que são os próprios corpos as coisas que vê desse modo, ou quando pensa que o que forjou por si mesma como falsa conjectura e suspeição também ocorre nos corpos que não viu, mas sobre os quais conjectura. Pelo contrário, não se engana nas visões intelectuais. Efetivamente, ou entende, e é verdade, ou, se não é verdade, não entende: uma coisa é errar naquilo que vê, outra é errar porque não vê.

26. Por conseguinte, quando a alma é arrebatada para aquilo que é visto pelo espírito como semelhanças dos corpos nestas visões – em que são vistas claramente pelo espírito imagens de corpos, a tal ponto que se afasta totalmente dos sentidos do corpo, mais do que é costume acontecer no sono, mas menos do que na morte; é ajudada por uma advertência divina que a faz saber que está a ver espiritualmente, não corpos, mas visões semelhantes aos corpos, como aqueles que sabem estar a sonhar mesmo antes de acordarem. Se nesse estado também forem vistas coisas futuras – de tal modo que sejam conhecidas como coisas absolutamente futuras de que se veem imagens presentes, ou porque a própria mente humana é ajudada por Deus, ou porque há algo no interior da própria visão que explica o seu significado, tal como no Apocalipse se explicava a João²³: então isso é uma grande revelação, mesmo que aquele a quem estas coisas são mostradas talvez ignore se foi transportado para fora do corpo, ou se ainda se encontra no seu corpo, embora veja estas coisas tendo o espírito afastado dos sentidos do corpo. De facto, alguém pode ser arrebatado deste modo e ignorar esse facto, se isto não lhe for mostrado.

Além disso, se alguém, do mesmo modo que é arrebatado dos sentidos do corpo para estar em contacto com essas semelhanças dos corpos que são vistas pelo espírito, também é arrebatado das mesmas para ser elevado para aquela como que região do intelectual ou inteligível²⁴,

²³ *Ap* 1, 10 e ss.: «E fui arrebatado em espírito, no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta, que dizia: “O que vês, escreve-o num livro e envia-o às Sete Igrejas” [...] e Ele pôs sobre mim a sua mão direita, dizendo-me: “Não temas: Eu sou o Primeiro e o Último, O que vive...”».

²⁴ «*ut in illam quasi regionem intellectualium uel intellegibilium subuehatur*».

onde a verdade perspicua é contemplada sem qualquer semelhança do corpo e onde nenhum nevoeiro das falsas opiniões a obscurece: aí, as virtudes da alma não são penosas nem laboriosas, pois nem a libido é refreada com o esforço da temperança, nem a adversidade é tolerada com o esforço da fortaleza, nem a iniquidade é punida com o esforço da justiça, nem a maldade é evitada com o esforço da prudência²⁵. Aí, a única e completa virtude é amar o que vê e a suma felicidade é possuir o que ama. Aí, a vida feliz é bebida na sua fonte, de onde se asperge esta vida humana para que seja vivida com temperança, fortaleza, justiça e prudência no meio das tentações deste mundo. É para alcançar a visão intelectual, onde se assegura o repouso e a inefável visão da verdade, que se suporta o esforço, se haverá de preservar da volúpia, de suportar as adversidades, de levar socorro aos indigentes e de resistir aos enganadores. Aí, é visto o esplendor de Deus, não por uma visão em sinais – quer corporal, tal como foi visto o esplendor de Deus no monte Sinai²⁶, quer espiritual, como o viu Isaías²⁷ ou João no Apocalipse – mas pela forma e não por enigmas, tanto quanto a mente humana a pode alcançar, segundo as atribuições que recebe da graça de Deus, para falar boca a boca àquele que Deus tornou digno de tal colóquio, não com a boca do corpo mas da mente, –

27. tal como julgo que se deve entender o que está escrito acerca de Moisés²⁸. Ele tinha desejado ardentemente, como lemos no Êxodo, ver Deus, não do mesmo modo como o tinha visto no monte²⁹ nem como o via na tenda³⁰, mas naquela substância que Deus³¹ é, sem ter assumido nenhuma criatura corporal – pela qual se tornasse presente aos sentidos da carne mortal – nem em semelhanças dos corpos formadas no espírito, mas pela sua forma, tanto quanto a pode alcançar a criatura racional e intelectual, separada de todo o sentido corporal e de todo o enigma significativo para o espírito. Com efeito, assim está escrito: «portanto, se é

²⁵ Referência às quatro virtudes cardeais.

²⁶ Ex 19, 18: «Todo o monte Sinai fumegava, porque o senhor havia descido sobre ele no meio de chamas».

²⁷ Is 6, 1: «vi o Senhor sentado num trono alto e elevado; as franjas do seu manto enchem o templo».

²⁸ Nm 12, 8: «A ele Eu falo-lhe face a face, manifesto-Me sem enigmas e ele contempla a figura de Deus».

²⁹ Ver Ex 19, 18.

³⁰ Ex 33, 9: «Logo que Moisés entrava na tenda, a coluna de nuvem descia e mantinha-se à entrada, e o Senhor falava com Moisés».

³¹ «in ea substantia qua Deus est».

verdade que achei graça diante dos teus olhos, mostra-te tu próprio a mim³², para que te veja plenamente»³³; e um pouco mais acima lê-se: «E o Senhor falava face a face com Moisés, como quem fala a um amigo seu». Portanto, percebia e desejava o que não via. Na verdade, pouco depois, tendo-lhe dito Deus: «Achaste graça aos meus olhos e conheço-te diante de todos»³⁴, Moisés respondeu-lhe: «Mostra-me o teu esplendor»³⁵. Recebeu então do Senhor uma resposta figurada, sobre a qual agora seria muito longo disputar, quando lhe disse: «Não poderás ver a minha face e viver. De facto, o homem não verá a minha face e viverá». Depois prosseguiu e disse-lhe: «Está aqui um lugar próximo de mim; ficarás de pé sobre o rochedo. E imediatamente quando o meu poder passar, colocar-te-ei na cavidade do rochedo e cobrir-te-ei com a minha mão, até que eu tenha passado. E retirarei a mão e então ver-me-ás por detrás. Na verdade, a minha face não te poderá ser mostrada»³⁶. Todavia, prosseguindo a Escritura, não narra estes factos como corporais, o que é suficiente para mostrar que isto foi dito de modo figurado para significar a Igreja. Ela é, com efeito, o lugar que pertence ao Senhor, pois a Igreja é o seu templo, e ela própria foi edificada sobre pedra e tudo o mais que aí se diz está de acordo com esta mesma interpretação. Contudo, se Moisés não tivesse merecido ver o esplendor de Deus ambicionado e desejado, Deus não diria, no livro dos Números, a Aarão e a Maria, irmãos de Moisés: «Escutai as minhas palavras: se ele fosse vosso profeta, eu, o Senhor, manifestar-me-ia a ele numa visão e falar-lhe-ia durante o sono; mas não é assim que eu falo a Moisés, meu servo, fiel em toda a minha casa. A ele eu falo-lhe boca a boca, manifesto-me sem enigmas e ele viu o esplendor do Senhor»³⁷. Ora, isto não se deve entender segundo a substância do corpo, que é apresentada aos sentidos da carne. Em todo o caso, Deus falava assim a Moisés face a face, frente a frente, quando lhe disse: “Mostra-te tu próprio a mim”. E em vista disso, ele falava por meio de uma criatura corporal apresentada aos sentidos da carne também àqueles que reprendia e relativamente aos quais preferia o mérito de Moisés. Deste modo, Deus, naquela espécie segundo a qual é, fala numa locução inefável, e de um modo de longe inefavelmente mais misterioso e mais

³² *Temetipsum.*

³³ *Ex 33, 13.*

³⁴ *Ex 33, 17.*

³⁵ *Ex 33, 18.*

³⁶ *Ex 33, 20-23.*

³⁷ *Nm 12, 6-8.*

presente. E nela³⁸ nenhum vivente o vê com esta visão que tem nesta vida, pela qual se vive mortalmente nestes sentidos do corpo, a não ser quem morre de algum modo nesta vida, quer saindo totalmente do corpo, quer estando de tal modo afastado e alheado dos sentidos da carne que ignore com razão, como disse o Apóstolo, se se encontra no seu corpo ou fora do seu corpo, quando é arrebatado e elevado àquela visão.

28. Por conseguinte, se o Apóstolo chamou terceiro céu a este terceiro género de visão – que não só é superior a toda a visão corporal, na qual os corpos são sentidos por meio dos sentidos do corpo, mas também a toda aquela visão espiritual, na qual as semelhanças dos corpos são distinguidas pelo espírito e não pela mente –, então é neste que se vê o esplendor de Deus, no qual se purificam os corações que o hão-de ver. Por isso se disse: “Bem-aventurados os puros de coração, porque neles próprios verão a Deus”³⁹, não por meio de alguma significação configurada corporal ou espiritualmente, como num espelho, em enigma, mas face a face, ou, como se disse de Moisés, “boca a boca”, a saber, na forma que Deus é aquilo que é, tanto quanto a mente o pode alcançar – pois ela não é o que ele próprio é, ainda que purificada de todo o flagelo terreno e afastada e arrebatada de todo o corpo e de toda a semelhança do corpo. Peregrinamos para esta visão oprimidos pelo peso da mortalidade e da corruptibilidade, durante o tempo em que caminhamos pela fé, não pela visão, e quando aqui vivemos com justiça. Mas por que razão não acreditamos que Deus tivesse querido mostrar ao grande Apóstolo dos gentios, arrebatado para esta notabilíssima visão, a vida que, depois desta vida, será vivida na eternidade? E por que razão não dizemos que esse é o paraíso, excetuando aquele em que Adão viveu corporalmente, entre árvores frondosas e pejudas de frutos? Do mesmo modo a Igreja, que nos reúne no seio da caridade, é chamada «paraíso de árvores pejudas de frutos»⁴⁰. Mas é assim chamada em sentido figurado, do mesmo modo que naquele paraíso onde Adão esteve propriamente, foi significada a Igreja por meio de uma forma do que haveria de existir. Todavia, aos que considerem com mais diligência estas coisas, talvez se lhes ocorra que naquele paraíso corporal, no qual Adão esteve corporalmente, esteja significada tanto esta vida dos santos, que agora se realiza na Igreja, como aquela que depois desta será vivida eternamente. Tal como “Jerusalém” -

³⁸ Isto é: na espécie segundo a qual Deus é.

³⁹ *Mt* 5, 8.

⁴⁰ *Cant* 4, 13.

que significa «visão da paz»⁴¹ e, contudo, indica uma determinada cidade terrena - significa aquela Jerusalém que é nossa mãe eterna no céu: quer para aqueles que são salvos na esperança e que esperam por meio da paciência aquilo que não veem⁴², dos quais muitos mais são os filhos da mulher abandonada do que da que tem marido; quer nos próprios santos anjos por meio da Igreja multiforme da sabedoria de Deus⁴³, com os quais, depois desta peregrinação deveremos viver sem esforço e sem fim.

29. Porém, se concebemos o terceiro céu, ao qual o Apóstolo foi arrebatado, podemos também acreditar que existe um quarto céu e outros mais elevados, abaixo dos quais se encontra este terceiro céu. Assim, uns declaram que há sete céus, outros oito, outros nove ou até dez, muitos dos quais afirmam tratarem-se de graduações no único céu chamado firmamento. E por isso, são levados a argumentar ou a opinar que os céus são corpóreos – argumentos e opiniões que agora seria demasiado longo discutir. Pode também acontecer que alguém defenda ou mostre, se for capaz, que também, quer nas visões espirituais, quer nas intelectuais, há muitos graus distintos entre si segundo algum progresso ou pela maior ou menor claridade da revelação. Mas sejam estas coisas como forem, e sejam entendidas por cada um como lhe aprouver, uns de um modo outros de outro, eu, até ao momento, não sou capaz de conhecer ou de ensinar outras vistas ou visões para além destes três géneros – ou pelo corpo, ou pelo espírito, ou pela mente. Mas confesso ignorar quantas e quão grandes são as diferenças de cada um dos géneros de visão, de tal modo que se avance progressivamente de um para o outro.

30. E assim, tal como nesta luz corpórea se encontra o céu – que nós olhamos com admiração sobre a terra, donde brilham os astros e as constelações, cujos corpos são de longe mais perfeitos do que os terrestres –, assim também na visão de género espiritual, na qual se veem as semelhanças dos corpos por meio de uma certa luz própria e incorpórea, existem algumas excelentes e verdadeiramente divinas, que os anjos nos mostram de um modo admirável. É difícil de perceber, e mais difícil ainda de explicar, se é graças a uma certa união ou mistura fácil e poderosa que

⁴¹ Referência à etimologia da palavra hebraica que dá o nome a Jerusalém.

⁴² *Rom* 8, 24-25: «Porque na esperança é que fomos salvos. Mas, a esperança que se vê não é esperança, pois aquilo que alguém vê, como é que o espera ainda? Mas, se esperamos o que não vemos, com esperança o esperamos».

⁴³ *Ef* 3, 10: «para que a multiforme sabedoria de Deus seja manifestada pela Igreja [...]».

fazemos também nossas as visões dos anjos, ou se estes estão cientes – não sei de que modo – de como se forma a visão no nosso espírito. Há, porém, outras visões ordinárias e humanas, que ou são produzidas pelo próprio espírito de várias maneiras, ou são sugeridas de algum modo pelo corpo ao espírito, quando somos afetados na carne ou na alma. Com efeito, não só os homens acordados, ao pensar, apresentam as suas inquietações em imagens de corpos sob vários aspetos, mas também os que dormem frequentemente apresentam nestas visões aquilo de que sentem falta: por isso gerem as suas ocupações em virtude da cupidez da alma e, se porventura estiverem a dormir com fome e sede, perseguem com a boca aberta o alimento e a bebida. Penso que todas estas visões devem comparar-se àquelas mostradas pelos anjos com o mesmo critério que, no caso da natureza corporal, comparamos as coisas terrestres às celestes.

31. Também no género das visões intelectuais, uma coisa é o que é visto na própria alma, como por exemplo as virtudes, que têm como contrário os vícios, sejam as que permanecerão, como a piedade, sejam as que são úteis nesta vida mas que depois dela não existirão, como a fé, graças à qual acreditamos no que ainda não vimos, a esperança, graças à qual esperamos as coisas futuras com paciência⁴⁴, e como a mesma paciência, graças à qual suportamos todas as adversidades, até ao momento em que chegaremos ao que queremos. Com efeito, estas virtudes e outras do mesmo género, que agora são necessárias para a travessia desta peregrinação pela vida, não existirão naquela vida, sendo no entanto necessário que estejam previamente adquiridas para a atingir. Todavia, as virtudes também são vistas intelectualmente: de facto, não são corpos nem são apresentadas como imagem de corpos. Outra coisa, porém, é a luz mesma com que a alma é iluminada para que possa ver de uma forma verdadeira todas as coisas, em si mesma ou naquela luz. De facto, essa luz é já o próprio Deus, mas a alma é uma criatura, ainda que racional, intelectual e feita à sua imagem, e quando se esforça para contemplar aquela luz lateja com falta de força e não é capaz de contemplá-la. É graças a essa luz que a alma compreende seja o que for, de acordo com as suas possibilidades. Quando, então, a alma é arrebatada para aí e subtraída aos sentidos carnis, ela está diante daquela visão de um modo mais distinto, não pela proximidade espacial, mas de uma certa maneira que lhe

⁴⁴ Ver nota 10.

é própria, e assim vê acima de si a luz que a ajuda a ver seja o que for que veja pela inteligência.

32. Contudo, se se interrogar, quando a alma se afasta do corpo, se ela é transportada para algum lugar corporal, se para um lugar incorporal à imagem do corporal, se para nenhum destes mas para um superior aos corpos e às imagens dos corpos, facilmente responderei com segurança que não é transportada para um lugar corporal a não ser com algum corpo ou que não é transportada para nenhum lugar. Se tem algum corpo quando se afasta do seu corpo, mostre-mo quem possa. Eu, porém, não penso que seja assim. Na verdade, de acordo com o mérito, é transportada para um lugar espiritual ou para um lugar de punição cuja natureza é semelhante à dos corpos, lugar esse que é mostrado muitas vezes àqueles que, arrebatados dos sentidos corporais e jazendo como se estivessem mortos, viram as penas infernais, tendo em si mesmos uma certa semelhança do seu corpo, mediante a qual puderam ser levados para aqueles lugares e experienciar tais coisas com as semelhanças dos sentidos. Não vejo, com efeito, porque é que a alma teria uma imagem do seu corpo, quando, jacente e sem os sentidos do próprio corpo - sem, no entanto, que este esteja mesmo morto - vê coisas como as das visões recordadas por muitos quando voltam à vida, saídos do arrebatamento; e porque é que não teria essa imagem quando, no momento da morte consumada, se afasta do corpo completamente. Portanto, ou é transportada para aquele lugar de punição, ou para um lugar semelhante ao das imagens dos corpos, porém, não de castigos, mas de repouso e gáudio.

Ora, não se pode dizer sem rodeios que aquelas penas são falsas ou que é falso aquele repouso e aquela alegria: na verdade, algo é falso quando, por erro de juízo, se toma isso por outra coisa. Assim, Pedro pensava que via, ao olhar para uma toalha, não apenas imagens de corpos, mas corpos reais⁴⁵, só que quanto a isto estava enganado. Não menos enganado estava quando, noutra ocasião, libertado das suas correntes pelo anjo, ia a caminhar com o seu corpo e, sendo-lhe apresentadas coisas corporais, pensava ver uma visão⁴⁶. Efetivamente, por um lado, naquela toalha estavam formas espirituais semelhantes a corpos e, por outro, a manifestação da libertação das correntes corporais por milagre era semelhante a uma imagem espiritual. Em ambos os casos, porém, a alma estava enganada, mas apenas porque trocava uma coisa pela outra.

⁴⁵ *Act* 10, 11-12 Ver nota 3.

⁴⁶ Ver nota 2.

Embora não sejam as coisas corporais, mas as imagens dos corpos, que afetam, para o bem e para o mal, as almas despojadas dos corpos, quando estas coisas se apresentam semelhantes aos seus corpos, contudo, são verdadeiras a alegria e a moléstia produzidas por uma substância espiritual. Até nos sonhos há, de facto, uma grande diferença entre estar alegre e estar triste. Daí alguns se terem lamentado por acordar uma vez que adquiriram as coisas que desejaram e, pelo contrário, outros, agitados e abalados por grandes terrores e torturas, uma vez acordados, temiam dormir, para não serem chamados de novo aos mesmos pesadelos. Em todo o caso, é indubitável que aqueles sonhos a que se chama infernais sejam mais fortemente experienciados e que sejam sentidos com mais veemência. Com efeito, aqueles que foram subtraídos dos sentidos corporais – em menor grau do que aqueles que morreram por completo, mas maior do que os que estavam a dormir – contaram que viram coisas mais fortemente experienciadas do que se narrassem um sonho. Por conseguinte, há uma realidade substancial dos infernos, mas, julgo eu, espiritual, não corporal.

33. Nem se deve prestar ouvidos aos que afirmam que o inferno se revela nesta vida e que não existe depois da morte. Vejam de que modo são interpretadas estas ficções poéticas! Nós não nos devemos desviar da autoridade das Escrituras divinas, as únicas a que devemos dar fé neste assunto. Podemos ainda apresentar os sábios pagãos que também nunca duvidaram da realidade substancial dos infernos, que recebem as almas dos mortos depois da vida presente. Porém, vale a pena indagar porque é que se diz que os infernos são subterrâneos, se não são lugares corporais, ou porque é que são chamados infernos⁴⁷, se não estão debaixo da terra. Na verdade, que a alma não é corporal, não é só uma opinião minha mas ousou proclamar que o sei com certeza. Portanto, quem quer que negue que a alma possa ter o aspeto de um corpo e dos membros dos corpos, deve negar que a alma se vê em sonho a andar, ou imóvel, ou a andar para aqui e para ali a pé ou até mesmo a voar, o que não acontece sem que haja uma certa semelhança com um corpo. Por isso, se ela, não sendo corporal, leva consigo essa semelhança com um corpo também para o inferno, então também o lugar que é visto por ela não é corporal, mas semelhante às coisas corporais, seja no repouso, seja nos tormentos.

Contudo, confesso ainda não ter encontrado um texto em que se chame inferno ao lugar onde repousam as almas dos justos. Não é sem

⁴⁷ O adjectivo *infernus*, -a, -um, significa “que está em baixo”.

razão que se acredita que a alma de Cristo veio até esses lugares onde sofrem os pecadores para livrar dos seus tormentos aqueles que julgava, por justiça sua – para nós misteriosa – que deveriam ser libertados. De que outro modo se pode compreender o que está escrito: «a quem Deus ressuscitou, libertando-o dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o seu domínio»⁴⁸? Não vejo que possamos entender esta frase de outra maneira que não esta: libertou alguns das dores dos infernos com o seu poder, pelo qual é o Senhor, diante de quem se prostram todas as coisas no céu, na terra e nos infernos, cuja potestade não podia reter naquelas dores os que libertou. Com efeito, nem Abraão nem aquele pobre que estava no seu seio⁴⁹, isto é, naquele lugar secreto do seu repouso, sofriam, pois vemos que entre o repouso e os tormentos do inferno existe um grande abismo. De resto, não está dito que eles estejam nos infernos: «Ora, o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, achando-se em tormentos»⁵⁰ etc. Vemos, deste modo, que a menção aos infernos não é feita relativamente ao repouso do pobre, mas ao suplício do rico.

Também quanto àquilo que Jacob disse a seus filhos – «fareis descer a minha velhice aos infernos, com o peso da dor»⁵¹ –, mais parece que o disse porque temera ser de tal modo perturbado por uma tristeza avassaladora que seria conduzido, não para o repouso dos bem-aventurados, mas para os infernos dos pecadores. Na verdade, a tristeza não é para a alma um pequeno mal, pois até o Apóstolo temeu, com grande solicitude, que um certo homem fosse excessivamente devorado pela tristeza⁵². Igualmente, como já disse, não encontrei, e procuro ainda, Escrituras, pelo menos as canônicas, onde os infernos sejam tomados à boa parte. Porém, não o seio de Abraão e o seu repouso, para o qual o

⁴⁸ *Act* 2, 24.

⁴⁹ O seio de Abraão aparece no Evangelho de S. Lucas para se referir a um lugar bem-aventurado, separado dos infernos, para onde iam as almas dos justos depois da morte. Há várias hipóteses quanto à origem da expressão: *Vide* Francis GIGOT, «*The Bosom of Abraham*», in *The Catholic Encyclopedia*, Vol. 1, New York, Robert Appleton Company, 1907. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/01055a.htm>>. (Acessado: 23.12.13)

⁵⁰ *Lc*, 16, 22-26 (continuação): «[...] ergueu os olhos e viu, de longe, Abraão, e Lázaro no seu seio. [...] Entre nós e vós foi estabelecido um grande abismo, de modo que, se alguém pretendesse passar daqui para junto de vós, não poderia fazê-lo, nem tão pouco daí para junto de nós».

⁵¹ *Gn* 44, 29.

⁵² *2 Cor* 2, 7: «Agora deveis perdoar-lhe e consolá-lo, para que não sucumba dominado por demasiada tristeza».

devoto pobre foi transportado pelos anjos, que não sei de que outra maneira possa ser tomado senão à boa parte. Por conseguinte, não vejo de que maneira podemos crer que o pobre se encontra nos infernos.

34. Na verdade, enquanto procuramos uma resposta para aquilo a que nos propusemos, quer a descubramos, quer não, o longo comprimento do nosso livro faz com que urja concluí-lo. O que nos fez empreender uma discussão sobre o paraíso foi a passagem em que o Apóstolo afirma saber de um homem que foi arrebatado ao terceiro céu, não sabendo, porém, se com o corpo, se fora do corpo, e que, enquanto se encontrava nesse arrebatamento no paraíso, ouviu palavras inefáveis que a nenhum homem é permitido dizer. Não afirmo temerariamente nem que o paraíso se encontra no terceiro céu, nem que o Apóstolo foi arrebatado ao terceiro céu e depois daí arrebatado novamente ao paraíso. Se, efetivamente, se pode chamar paraíso – no sentido próprio da palavra – um lugar frondoso porém, no sentido figurado, pode chamar-se paraíso a uma, por assim dizer, região espiritual, onde a alma está feliz. Não nos referimos somente ao terceiro céu, seja ele o que for – e é, na realidade, uma coisa grande e sublimemente preclara –, mas também à alegria de uma boa consciência no próprio homem. É por isso que também a Igreja, pelos santos que vivem com temperança, justiça e piedade, é convenientemente chamada de paraíso⁵³, rica em graças e em castas delícias, visto que mesmo nas tribulações se glorifica, com gozo extremo pela sua paciência, porque as consolações de Deus alegram a sua alma de acordo com a multiplicidade de dores no seu coração. Com mais razão se pode chamar paraíso àquela vida e também ao seio de Abraão, onde não há mais tentação, onde há um tão grande repouso depois de todas as dores desta vida! Decerto, há uma luz própria e única no seu género, absolutamente magnífica, pois o rico, desde os tormentos e das trevas dos infernos, a vê ao longe, apesar do grande abismo que o medeia dela, reconhecendo o pobre que havia desprezado.

Se assim é, diz-se de facto ou crê-se que os infernos estão situados debaixo da terra porque desse modo se apresenta adequadamente no espírito por meio de semelhanças dos corpos, de maneira que, dado que as almas daqueles defuntos, por terem pecado por amor da carne, são dignas dos infernos, este lhes seja apresentado por meio de semelhanças dos corpos, o que costuma acontecer à própria carne em estado de cadáver que é colocado num lugar recôndito sob a terra. Enfim, é por se encontrarem

⁵³ *Ecli* 40, 28: «O temor do Senhor é como um paraíso abençoado».

em baixo que os infernos assim são designados, em latim⁵⁴. E assim como, em conformidade com a sua natureza corpórea, se respeitarem a ordem do seu peso, os mais pesados de todos estão mais em baixo; também, em conformidade com a sua natureza os espíritos, os mais tristes de todos estão mais em baixo. É por isso que, também, na língua grega a origem do nome que designa os infernos é «aquilo que não tem nada de suave»⁵⁵. Todavia, o nosso salvador, morto por nós, não desprezou uma visita àquele lugar, para libertar daí aqueles que ele não podia ignorar que deviam ser salvos de acordo com a justiça divina e oculta. É por isso que à alma daquele ladrão a quem disse: «Hoje estarás comigo no paraíso»⁵⁶, certamente não prometeu, o lugar onde são punidos os pecadores, mas ou o repouso no seio de Abraão – já que Cristo não pode não estar seja onde for, pois é a própria sabedoria de Deus que atinge tudo devido à sua pureza⁵⁷ –, ou aquele paraíso – quer se encontre no terceiro céu quer noutro qualquer lugar ao qual o Apóstolo foi arrebatado depois de o ter sido ao terceiro céu; se, enfim, não se dão nomes diversos a algo único onde estão as almas dos bem-aventurados.

Se, portanto, entendermos corretamente que o primeiro céu, é o nome geral, de tudo o que é corporal e que está sobre as águas e a terra; e que o segundo céu é tudo o que é visto pelo espírito em semelhanças corporais, como aquela toalha repleta de animais⁵⁸ que Pedro, em êxtase, viu descer; e que o terceiro céu, por sua vez, é o que é contemplado pela mente, uma vez separada, afastada e totalmente arrebatada dos sentidos da carne e purificada de tal maneira que é capaz de ver e ouvir de maneira inefável, graças à caridade do Espírito Santo, aquilo que está naquele céu e a própria substância de Deus e o Verbo de Deus, por quem todas as coisas foram feitas: então não é inconveniente pensar, não só que o Apóstolo foi arrebatado para esse lugar⁵⁹, mas também que talvez seja aí nesse lugar que se situa o melhor paraíso de todos, e, se assim se pode dizer, o paraíso dos paraísos. Se de facto a alegria da alma boa consiste em possuir o bem

⁵⁴ Em baixo: “infra”. Ver nota 47.

⁵⁵ Hades (Αἴδης ou Ἀδης) deriva de αἰδής, que significa “o que não se vê”.

⁵⁶ *Lc* 23, 43.

⁵⁷ *Sab* 7, 24: «A sabedoria é mais ágil que todo o movimento;/atravessa e penetra tudo, graças à sua pureza».

⁵⁸ *Act* 10, 11-12. Ver nota 3.

⁵⁹ *2 Cor* 12, 2-4: «Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos – ignoro se no corpo ou fora dele, Deus o sabe –, foi arrebatado até ao terceiro Céu. E sei que esse homem – ignoro se com o corpo ou sem ele, Deus o sabe –, foi arrebatado até ao paraíso, e ouviu palavras inefáveis, que não é permitido a um homem repetir».

que há em toda a criatura, quão mais excelente será a alegria que se encontra no Verbo de Deus, por quem todas as coisas foram feitas?

35. Mas se alguém objetar de que serve aos espíritos dos defuntos recuperarem os seus corpos na ressurreição, se mesmo sem corpos lhes pode ser oferecida a suprema felicidade, esta questão é mais difícil do que o tratamento que lhe pode ser dado ao encerrar este discurso. Contudo, não se deve duvidar de que a mente do homem, quer quando é arrebatada dos sentidos da carne, quer quando, depois da morte, uma vez abandonada a carne, e uma vez ultrapassadas também as semelhanças corporais, não pode ver a substância imutável, tal como a veem os santos anjos, quer esta diferença se deva a uma causa oculta, quer ao facto de se encontrar na mente um certo apetite natural de governar o corpo: esse apetite impede, de alguma maneira, a alma de se dirigir com todo o seu esforço⁶⁰ para aquele céu supremo, enquanto não estiver contígua ao corpo, em cujo governo aquele apetite achará descanso. Todavia, se o corpo for de uma natureza tal que é difícil e penoso o seu governo – como acontece com a carne que se corrompe e torna pesada a alma⁶¹, existindo a partir da propagação da transgressão –, a mente afasta-se muito mais da visão daquele supremo céu. Por isso, era necessário que fosse arrebatada dos sentidos da mesma carne, para que, na medida das suas possibilidades, aquele céu lhe fosse mostrado. Por último, quando este corpo não for já animal, mas, por meio de uma futura transformação, receber a forma espiritual própria dos anjos, a alma possuirá o modo perfeito da sua natureza, obediente e imperante, vivificada e vivificante, dotada de uma facilidade tão inefável que será para ela glória o que fora um fardo pesado.

36. Seguramente que, mesmo depois, existirão estes três géneros de visão, mas sem falsidade alguma que faça com que algo seja tomado por outra coisa, nem nas visões corporais nem nas espirituais. Muito menos nas intelectuais, as quais são a tal ponto presentes e transparentes que é de longe menor a evidência com que agora nos estão contíguas as formas corporais que tocamos com os sentidos da carne, e às quais muitos se dedicam de tal maneira que pensam que o que não é como elas não existe de modo algum. Os sábios, porém, comportam-se de tal modo em relação a estas visões corporais que embora as vejam como sendo as mais

⁶⁰ *tota intentione.*

⁶¹ *Sab 9, 15:* «porque o corpo corruptível torna pesada a alma,/ e a morada terrestre oprime o espírito cheio de preocupações».

presentes, contudo estão mais certos daquelas que veem entendendo, e que estão para além da forma do corpo e para além da semelhança do corpo, embora não sejam capazes de as compreender com a mente da mesma maneira que compreendem estas formas com o sentido do corpo. Pelo contrário, os santos anjos, se por um lado estão encarregados de julgar sobre estas realidades corpóreas, por outro não se inclinam a elas com mais presença e familiaridade; e discernem no espírito as semelhanças dotadas de significado e têm um imenso poder sobre elas, a tal ponto que as podem também misturar nos espíritos dos homens, revelando-lhas; além disso, eles contemplam a substância imutável do Criador, a tal ponto que, vendo-a e amando-a, a sobrepõem a tudo o mais: é em conformidade com ela que julgam todas as coisas; dirigem-se para ela para agirem, e é a partir dela que dirigem tudo aquilo que fazem.

Por último, embora o Apóstolo tenha sido arrebatado fora dos sentidos do corpo, ao terceiro céu e ao paraíso, certamente lhe faltou isso mesmo, para obter o pleno e perfeito conhecimento das coisas, que inere nos anjos, uma vez que não sabia se estava no corpo ou fora dele. Este conhecimento certamente não nos faltará quando, uma vez recuperados os corpos na ressurreição dos mortos, este corpo corruptível será revestido de incorruptibilidade e este corpo mortal será revestido de imortalidade⁶². Com efeito, todas as coisas serão evidentes, sem qualquer falsidade, sem qualquer ignorância, dispostas nas suas ordens – as corporais, as espirituais e as intelectuais – numa natureza íntegra e numa felicidade perfeita.

37. Certamente que sei que não poucos dos que, antes de nós, investigaram louvavelmente as sagradas Escrituras de acordo com a fé católica, explicaram o terceiro céu de que o Apóstolo fala, como querendo admitir diferenças entre o homem corporal, o animal e o espiritual, e que o arrebatamento do Apóstolo teria sido para contemplar com superior evidência o género das coisas incorpóreas; e que este mesmo género de coisas é o que os homens espirituais amam nesta vida acima das demais, desejando unir-se a elas. Quanto a mim, porém, as razões por que preferi chamar espiritual e intelectual ao que eles, talvez, chamam animal e espiritual, usando apenas nomes diferentes para indicar coisas idênticas, já as expliquei suficientemente na primeira parte deste livro. Dentro das nossas possibilidades, se expusemos bem estes assuntos o leitor espiritual

⁶² 1 *Cor* 15, 53: «É necessário que este corpo incorruptível se revista de incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista de imortalidade».

aprová-lo-ás ou então, para que se torne espiritual, com a ajuda do Espírito Santo, tirará algum proveito desta leitura. Damos por concluída a totalidade desta obra, constituída por doze livros.